DISCURSOS

RECEPÇÃO DE NOVOS SÓCIOS

Em face da última reforma por que passaram os Estatutos do Instituto do Ceará, foram abertas cinco vagas com a criação das cadeiras 21 a 25.

Na forma do estabelecido nas Disposições Transitórias, os sócios antigos tinham o direito de transferir-se para as cadeiras recémcriadas. Assim, transferiram-se para as cadeiras 21 e 22 Clodoaldo Pinto e Antonio Martins Filho, ficando portanto vagas as cadeiras 3, 5, 23, 24 e 25. as quais foram preenchidas em dois movimentados pleitos, realizados a 5 de Junho e 20 de Dezembro deste ano, saindo eleitos os srs. José Bonifácio de Sousa, Francisco Alves de Andrade e Castro, Florival Seraine, Boanerges Facó e Mozart Soriano Aderaldo, respectivamente

Desses cinco, três tomaram posse ainda neste mesmo ano de 1950:

JOSÉ BONIFÁCIO DE SOUSA empossou-se a 20 de Setembro, sendo saudado pelo consócio Raimundo Girão.

FLORIVAL SERAINE foi recebido em 21 de Outubro, falando em nome do Instituto o orador oficial Pe. Misael Gomes.

MOZART SORIANO ADERALDO foi saudado pelo consócio José Waldo Ribeiro Ramos no dia 27 de Outubro.

Vão publicados a seguir os discursos proferidos.

Do DR. RAIMUNDO GIRÃO

Sr. Dr. José Bonifácio de Sousa:

É bem de ver que não tem significação de mero protocolo este acto de vossa recepção como novo sócio efetivo do Instituto do Ceará. Pelo contrário, ele encerra compromisso muito austero; de vossa parte e da agremiação que vos recebe, depois de ter-vos escolhido ao cadinho de escrutinio rigoroso.

Escolhendo-vos, tomou o Instituto a responsabilidade daquilo que se contém, a vosso respeito, nas informações da proposta, que diz das vossas qualidades morais e culturais, duplo aspecto em que se objetiva o nosso exame electivo, por força dos Estatutos da Casa.

E tendo sido eleito e aceitando a investidura, tomastes de vosso lado, *ipso facto*, o ónus dos deveres estatutários e mais dos que decorrem, consequentemente, dos imperativos da dedicação e da boa vontade

Deveis ter sabido, por certo, que, ampliando o seu quadro social, não desejou o Instituto o simplesmente numérico aumento de seus associados,

senão o aumento qualitativo do seu trabalho e eficiência, para os fins da concretização do amplo programa a que se propôs desde algum tempo, no intento de tanger para o futuro as glórias do seu passado.

Quase já desceu ao lugar comum, a uma espécie de frase feita, afirmar-se que o Instituto é uma das instituições sérias da nossa terra, talvez o ápice da nossa cultura mental. E seja ou não tanto assim, na verdade não é possivel negar o alto valor da sua actuação no cenário do pensamento do Ceará e o renome que já alcançou no Brasil e fora do nosso País.

Em virtude disso, crescem, dia a dia, as suas obrigações e, com estas, as nossas individuais dos seus sócios. Temos de desdobrar empenho no dar aquilo que estão a esperar de nós, para que não vá desmerecer do destaque elogioso a Casa do Barão de Studart.

É só um dizer-se Casa do Barão de Studart eis que nos nascem outros cuidados, alertando-nos de que é preciso honrar a denominação antonomásica e, através dela, a exelência da obra deixada pelo Barão, tido e havido, sem discussão, como o nosso maior, o nosso grande Benemérito, e considerado por todos o mais cauteloso, o mais paciente, o mais correcto, o mais produtivo dos historiógrafos do Ceará.

Mais outra responsabilidade para nós, Sr. Dr. José Bonifácio: vindes ocupar a Cadeira em que estiveram o Senador Joaquim Catunda, o Padre Bruno de Figueiredo e o Dr. Eusébio de Sousa.

Será desnecessário acrescentar que a simples referência a essa triade opulenta força uma grande espectativa: o lustre que eles deram á cátedra exige do substituto a mais constante preocupação, não que o atemorize, porque tendes o lustro fundamental suficientemente sólido para não vos entibiardes no receio, mas que lhe imporá estimulo e resolutas disposições a um nivelamento, quiçá a uma superação, dessas não raras, de discipulos sobre os mestres.

Catunda foi o erudito da linguística e da sociologia e nos legou, afora o mais, embora inacabado, seguro bosquejo da evolução cearense apreciada ao molde das mais arrojadas concepções dos estudos históricos. Tem indiscutivelmente cravado a bronze o seu nome na magestosa caluna da intelectualidade conterranea.

Bruno, muito mais leitura e retentiva que registo escrito, é figura de evocação legitima a encher os anais do nosso Ensino, nas sábias lições de professor do nosso Seminário Episcopal, do Ateneu Cearense e do seu afamado Instituto de Humanidades. Pena é que não nos tivesse legado em páginas o quanto sabia profundamente.

Eusébio, como cultor da nossa historiografia, derramou-se em tempo e alma no trabalho indispensável da divulgação de documentos e na preparação de crónicas dos nossos fatos e feitos históricos. Pesquisou e divulgou incansavelmente, oferecendo-nos, para lucubrações mais demoradas, óptimos elementos informativos e rico documentário.

São, pois, três numes, três inspirações que adejam neste recinto de paredes venerandas e merecerão sempre as nossas homenagens, e a melhor destas, neste momento, é a vossa eleição como seu continuador bem apercebido das armas da inteligência e do carácter, que ireis manejar dora por diante, conosco e para maior alegria nossa.

O vosso ingresso tem assim a expressão de um reforço de que se necessita e de um anseio que se completa.

Quisemos a vossa presença aqui e vós no-la destes. Estamos agora irmanados no mesmo objectivo das realizações frutuosas que animam e empolgam os operários da História Cearense com serviços neste velho e querido Instituto.

Estamos prosseguindo na erecção de um edificio começado já faz longo tempo e chegais como novo e esperançoso obreiro.

Sede bem-vindo e metei mãos ao trabalho.

Do DR. JOSÉ BONIFACIO DE SOUSA

Sr. Presidente,

Srs. membros do Instituto do Ceará:

Não é sem emoção que tomo posse do lugar que me reservastes na vossa ilustre companhia.

Desvanecido e honrado com essa distinção, a tão poucos conferida, preocupa-me a responsabilidade de quem, no meio de vós, mais se julga de deveres que de direitos investido.

Não me convocastes para os ócios olímpicos dos eleitos, mas para o esforço de novas semeaduras no campo já roteado por grandes vultos do passado e no qual se renovam e multiplicam os frutos opimos de vosso labor estrénuo.

Com a minha gratidão, trago-vos todo o meu devotamento aos nobres designios desse Instituto, que antes de mim já acolheu dois entes queridos a cujos méritos atribuo o galardão desta hora.

EUSÉBIO DE SOUSA

A cadeira que me foi destinada pertenceu, em sequência cronológica, a Joaquim de Oliveira Catunda, Monsenhor Bruno Rodrigues da Silva Figueiredo, Eusébio Néri Alves de Sousa, e a ela emprestou por último o brilho de sua capacidade o professor Antonio Martins Filho.

Devo a Eusébio de Sousa o gosto pelas pesquisas históricas, adquirido em circunstancias de tempo e espaço que me são agradáveis recordar.

Foi em Quixadá, minha cidade natal, pelo ano de 1922. Para comemo-

rar o centenário da Independência, preparava o Dr. Eusébio uma monografia sobre aquele Municipio, onde servia como Juiz de direito. Á medida que ia redigindo os sucessivos capítulos da memória, submetia-os á minha leitura, como se o jovem inexperto pudesse acaso oferecer algum subsídio aproveitável á obra acabada do mestre.

Graças a essa iniciação, a imagem vaga e sentimental da terra natal foi-se objectivando em seus lineamentos históricos e geográficos, impelindo-me a buscar nessas cogitações uma forma superior de amar e servir o Municipio, imagem visual da Pátria.

Os trabalhos de Eusébio de Sousa revestiam-se desse traço característico. Em cada comarca por onde transitava, no seu jornadear de magistrado, comprazia-se em solenizar efemerides, promover festividades civicas, editar periódicos e vulgarizar a história e a geografia da região, mobilizando a criançada das escolas, estimulando professores e autoridades, trasmitindo ao povo o gosto pelas tradições locais, até então esquecidas ou ignoradas.

Com sua presença marcava uma época em cada comarca em que servia, época de ouro que foi para Icó, Quizeramobim, Ipú, Russas e Quixadá, deixando sempre após si uma grande obra educativa, infelizmente nem sempre continuada.

Sem descurar os deveres de Juiz, não ocultava predilecções inatas e cultivadas pelas pesquisas do passado. Em sua mesa de trabalho exemplares de memórias históricas e tomos da "Revista do Instituto" quase sempre se superpunham aos volumosos autos submetidos ao seu preparo e julgamento, suscitando verdadeiro conflito de jurisdição entre o Direito e a História.

Essa desavença era em Eusébio a manifestação do contraste que em todos nós existe entre os imperativos da realidade e as seduções do ideal. Não houve, para o seu caso, termo de bem viver, e só encontrou remédio numa opção definitiva que o fez trocar, por fim, a balança de Témis pela pena de Clio.

Nas rimas que intitulou "Profecia", Abílio Martins, o risonho e espontaneo versejador de costumes e caracteres, antevira essa opção:

"A mania que o vence
É esfarinhar-se na História cearense
Para, um dia, querer — vocês verão,
Passar quináus, dar bolos no Barão". (1)

Poderia ter servido á deusa e á musa, como souberam servir Paulino Nogueira, Alvaro de Alencar, Abner de Vasconcelos e outros desta casa, preclaros no Direito e na História.

No caso de Eusébio, como no de Raimundo Correia, o conflito interessava

(1) — *O Barão de Studart*

o seu temperamento emotivo, todas as vezes que, por dever de oficio, cumpria-lhe cingir seus julgamentos á prova dos autos e aos dispositivos do direito literal, em antagonismo vivo, quase sempre, com seus sentimentos humanitários.

Encerrada a sua carreira de magistrado, entregou-se com todo entusiasmo ás pesquisas do passado, produzindo uma obra vultosa e valiosa, sobre cujos méritos já se manifestaram os ilustres consócios Martins Filho e Josa Magalhães.

JOAQUIM CATUNDA E MONSENHOR BRUNO

Finalizo aquí minhas reminiscências de Eusébio de Sousa, para render as homenagens devidas a seus antecessores na cadeira nº 3.

Os méritos de Joaquim Catunda já receberam a consagração da inteligência do Ceará. Deixou ele fixada em letra de forma a marca indelevel de um talento e erudição incomuns. É só percorrer os seus discursos parlamentares, infelizmente ainda dispersos, e os seus "Estudos de História do Ceará", que Leonardo Mota classificou entre os raros títulos de orgulho da bibliografia cearense, para se ter uma ideia do valor de uma obra destinada a perdurar.

Outro foi o caso de Monsenhor Bruno Figueiredo, que passou pela vida a semear sabedoria e virtude, sem a preocupação de que um dia viesse alguem, como na seara de Booz, respigar a messe que o semeador desejou ignorada ou esquecida.

Felizmente o Instituto do Ceará, na porfia de suprir os danos do tempo e a fraca memória dos homens, incluiu entre os seus objectivos cultuar os legítimos valores do passado, exaltando-lhes os predicados do espirito em suas variadas manifestações.

Fiel a essa nobre missão de cultura e civismo, tanto se compraz em recolher os louros de um Joaquim Catunda como em proclamar os méritos de Bruno Figueiredo, porque em ambos brilhou, embora com luz diferente, a chama imortal do espírito fadado aos altos cometimentos da vida

Em Catunda predominava a ilustração de um pertinaz autodidata, impregnada das ideias científicas e filosóficas do século em que viveu. Monsenhor Bruno, ao contrario, encarnava a cultura clássica haurida nas fontes perenes da sabedoria.

O primeiro, explicava o mundo — um mundo sem enigmas — pelos atestos inovadores do evolucionismo triunfante; o segundo, não podia compreender a vida sem o suplemento dos mistérios revelados. Um e outro reflectiam a seu modo a luz irradiada dos dois focos culturais da época: a academia e o seminário.

Postos em confronto, lembram aquelas personagens que na novela de Vitor Hugo encarnavam o conflito com a Religião. O mesmo processo evo-

lutivo que seria o factor do aniquilamento desta por aquela — *ceci tuera cela* encarregou-se de evidenciar que "a ciência de hoje sabe o bastante para saber que não sabe tudo". A última palavra cabe á Religião. Hamlet continua a afirmar:

"Há mais cousas no céu, há mais na terra
Do que sonha a tua vã filosofia..."

Um dia, esses dois astros que gravitavam em órbitas diferentes, cruzaram por um instante as trajectorias luminosas. Foi em 1882, na disputa da cadeira de Filosofia, no nosso tradicional Liceu do Ceará.

Nesse memorável certame, como naquele em que Farias Brito disputou a Euclides da Cunha a docencia de Lógica no Ginasio Nacional, concorreram como elementos decisivos, além da proficiência dos candidatos, outros factores estranhos ao ensino, que asseguraram a nomeação da Joaquim Catunda, sem desaire para os méritos culturais de seu ilustre concorrente.

Monsenhor Bruno não se molestou com o que a opinião culta de Fortaleza considerara uma preterição. Transferindo-se, tempos depois, para o extremo Norte, a convite de seu grande amigo cônego José Lourenço, logo após preconizado Bispo de Manaus, soube, ao desembarcar naquela capital, da próxima realização de um concurso para provimento da cadeira de Latim no Ginásio Amazonense.

Satisfeita a formalidade da inscrição, no dia da realização das provas aquele padre desconhecido surpreendeu a junta examinadora com uma atitude inesperada: dispensou o manuseio do livro em que se continha o trecho sorteado para a sua dissertação... Sabia de cor, como de resto sabia passagens inteiras dos clássicos latinos, cujas obras lhe eram familiares.

Com o mesmo desembaraço com que conquistou a cadeira, numa disputa em que a politica não interferira, renunciou-a pouco depois para atender noutro lugar os imperativos do munus sacerdotal.

Percorrendo o el-Dorado (1889-1890) e estagiando depois no Maranhão (1890-1891), não ia á cata de bens materiais, que sempre desdenhou. Temperamento de lutador insatisfeito, avesso ás comodidades das situações definitivas, seduzia-o o desejo de viver o exemplo e a palavra do Msetre Divino — *ite et docete*...

MONSENHOR BRUNO, O EDUCADOR

Em verdade, no seu peregrinar aqui e além, o discipulo teve sempre presente a missão e a preocupação de ensinar. Pode dizer-se que madrugou nesse mistér. Seminarista, já ensinava humanidades no Seminário. Investido no pesbiterato em 1875, pelo qual teve de esperar cerca de um ano

por insuficiência de idade, fez do ensino o seu apostolado social, numa época em que o magistério era uma profissão de abnegados.

As exigências do ofício encarregavam-se de selecionar os que a ele se destinavam, e através desse crivo aprimoraram-se vultos com Marrocos Torres Portugal, Barcelos e tantos outros, aos quais a dedicação no sacrifício e a persistência no ideal asseguraram uma auréola de merecimento imperecível.

No caso de Monsenhor Bruno, o tempo que lhe sobrava dos encargos sacerdotais preenchia com as lides suplementares do ensino, ministrado segundo as diretrizes da Igreja, com o duplo objectivo de aprimoramento da inteligência e formação do caracter.

Reunia em alto grau todos os atributos do educador: concepção elevada da vida, riqueza de conhecimentos, autoridade moral e amor ao ofício. Ao primeiro contacto com qualquer jovem, punha-lhe sempre um livro ás mãos.

Certo dia, ao empossar-se na paróquia de Maranguape, apresentou-se-lhe como acólito, á hora da missa conventual, um menino de aparência modesta mas de cujo semblante transparecia viva inteligência. A fim de experimentar-lhe as tendências e aptidões, o pároco, recorrendo a seu velho teste, abre o missal a esmo e dá-lhe para ler. Tão bem se saiu o menino, que, desde então, nasceu entre ambos mútuo sentimento de admiração e estima que o pararelismo da existência se encarregaria de consolidar.

Estimulado pelo vigário, o jovem acólito ingressava pouco depois no Seminário, fez-se sacerdote como o mestre e como ele dedicou-se também ao magistério. Em períodos diferentes, ambos vigariaram Maranguape, ambos fundaram colégios, ambos mereceram as honras do monsenhorato.

Quem assim seguiu tão fielmente as pegadas do mestre foi o nosso festejado Monsenhor José Quinderé. "Só num ponto divergimos — disse Mons. Quinderé, com seu habitual bom humor: — foi quanto á investidura episcopal. Convidado, o Padre Bruno não aceitou; quanto a mim, não a aceitei porque não fui convidado...".

Como a este, a muitos outros discípulos Monsenhor Bruno encaminhou para as lides da vida, com uma dedicação e generosidade que não conheciam limites, nem mesmo os dos mais legítimos interesses.

Tal foi a sua norma invariável de conduta no exercício do magistério, notadamente á frente do Instituto de Humanidades, colégio que fundou em 1880 com o Pe. João Cordeiro da Cruz Saldanha.

Apesar de ter sido o mais afamado e concorrido estabelecimento de ensino daquela época, não tardou que sua situação económica se tornasse insustentável. Havia no externato grande número de alunos admitidos a título gratuito, além dos que, no internato, se mantinham a expensas do diretor. Por esse motivo, quatro anos após, para subsistir, o colégio teria de passar a mãos menos desinteressadas.

Seja como for, com essa benfazeja generosidade, muitos jovens se beneficiaram, inclusive os irmãos Julio Abreu e Cruz Abreu, requisitados ao pai, modesto e honrado servidor público, por quem tão bem sabia escolher e guiar para as conquistas brilhantes do futuro.

A quem percorre a história biográfica do Ceará surpreende o número de médicos, magistrados, advogados, sacerdotes e funcionários que receberam de Monsenhor Bruno a formação da inteligência e do caracter.

Todo o seu cabedal de conhecimentos e virtudes ele transmitiu á legião de moços que no Seminário de Fortaleza (1874-1878), no Ateneu Cearense (1874-1879), no Instituto de Humanidades (1880-1884), no Liceu do Ceará (1900-1908) e em cinco outros estabelecimentos de ensino secundário passaram pelos cuidados do mestre, em nada menos de trinta anos de magistério secular.

Preceptor de duas gerações — a que precedeu e a que sucedeu ao advento da República — deixou gravados na inteligência e no coração de seus alunos os influxos nobres e generosos do saber e da bondade.

Em um de seus livros de memórias, Gustavo Barroso relembra com emoção as palavras de estímulo que sembre recebera de Monsenhor Bruno, um dos raros professores do Liceu que não desanimavam ante as diabruras do estudante avesso ao trato dos livros...

Profundo conhecedor do vernáculo, tanto quanto do idioma latino, verteu para este o episódio de Inês de Castro, dos Lusíadas, em hexametros considerados impecáveis. "Muitas vezes o espaço inteiro de uma aula era ocupado — segundo o depoimento de um de seus alunos — com o esclarecimento pedido a propósito da significação variável de um termo ou da modalidade mais elegante de uma forma".

APOSTOLADO SOCIAL

A vocação inata para o magistério não ofuscou, todavia, outras facetas brilhantes dessa personalidade tão rica de sentimentos humanos que a missão sacerdotal acrisolou e enobreceu.

Dois anos após sua ordenação, ei-lo durante a seca de 77 sofrendo e lutando por seu povo, contra os horrores da fome e da peste. Em Fortaleza visitava diariamente dezenas de famintos e variolosos, levando-lhes o conforto espiritual dos sacramentos e o auxilio material da esmola.

Mal se apagavam os efeitos e impressões da calamidade, novamente se empenha noutra batalha em favor dos deserdados da fortuna.

Agora são os escravos os seus pupilos. Para libertá-los, não houve esforço honesto a que se eximisse o ardoroso sacerdote, ao lado de João Cordeiro, Amaral, Catunda, Padre Frota e tantos outros.

Da propaganda exercida pelas colunas de "O Libertador" passou para a acção franca, acolhendo negros fugidos nas dependências de seu colégio,

que funcionava no casarão ainda existente na rua Sena Madureira, defronte do templo presbiteriano.

Certo dia, foi avisado a última hora de que a polícia se preparava para dar uma busca no estabelecimento, á cata de negros fugidos. Sem se perturbar com o imprevisto, o bom do Padre instruiu os escravos ali refugiados a fim de que, a um determinado sinal, transpusessem as cercas dos quintais visinhos até atingirem o sétimo, onde encontrariam acolhimento do proprietário, também ardoroso abolicionista. Escusado é dizer que, habilmente executado, o plano fez malograr a diligência policial.

Sua residência nesta capital, no modesto prédio n. 22 da Rua do Sampaio, era, segundo o depoimento de Monsenhor Furtado, "o asilo carinhoso onde iam bater a cada instante os desprotegidos da sorte, que esperavam ansiosos o aniversário do Padre Bruno, porque sabiam que o dia de seus anos era também para eles o dia auspicioso das esmolas avultadas e da abundancia em seus lares desprotegidos".

O HOMEM DE LETRAS

Para medir o valor mental desse campeão do ensino, não me peçais a relação de suas obras. Sem nenhum gosto para a produção puramente literária, nada teria escrito se não fosse compelido a fazê-lo no desempenho de suas funções eclesiásticas.

Três folhetos, um dos quais apenas assinalado com as iniciais de seu nome, foram a sua brevíssima bagagem literária. Num deles, traçou com mão de mestre a biografia dos dois primeiros bispos do Ceará; nos demais, versou com o mesmo aprumo assuntos estritamente religiosos.

Suas predileções pelo latim, disciplina que lecionou no Liceu por espaço de nove anos, tê-lo-iam levado a escrever uma gramática da lingua. Não encontrou, todavia, estímulo para levar a cabo o seu projecto, tendo abandonado á traça os fragmentos dispersos da obra idealizada.

Pertenceu, portanto, ao grupo dos "autores sem livros", cuja capacidade criadora, fugindo ás normas comuns, pode revelar-se sob as mais variadas formas: no jornalismo de um Carlos de Laet, no versejar despreocupado de um Pe. António Tomás, ou até mesmo na boémia impenitente de um Paula Ney.

Em Monsenhor Bruno, como nos exemplos apontados, a ausência de obras estava longe de significar esterilidade intelectual. Poucos homens no Ceará terão posto em circulação maior cabedal de conhecimentos, não só através do magistério, como nas frequentes oportunidades em que era levado a emitir opinião acerca de assuntos de sua especialidade.

Seus numerosos ouvintes e consulentes sabiam-no profundo conhecedor da genealogia cearense e quanto era capaz nos domínios das letras clássicas e da ciência eclesiástica. A todas as indagações respondia em

conversa desataviada em que os recursos da erudição se manifestavam através de prodigiosa memória, que não envelhecia. Revelava, assim, notável cultura verbal e neumónica.

Tudo quanto lia ficava-lhe na retentiva e talvez por isso não teve constrangimento em bem cedo se desfazer de seus livros, por exigência de sua vida andeja. Poderia dizer como Bias, o filósofo: *omnia mea mecum porto*...

Na mesma modesta residência em que acolhia os pobres para a esmola e os desviados para o conselho, costumava receber a fina flor da inteligência de Fortaleza. Durante longo período alí se reuniam, quase tôdas as noites, homens da estatura mental de Paulino Nogueira, José Joaquim Teles de Marrocos, Júlio Cesar da Fonseca Filho, Pe. Augusto da Frota, Almino Álvares Afonso e outros mais.

Membro do Instituto do Ceará e da antiga Academia Cearense de Letras, não primava, contudo, pelas preocupações literárias. Nem por isso deixou de se destacar pela pujança mental e pelo valor intrínseco de seus conhecimentos. Se nesta esfera granjeou justo renome, nada fez no propósito deliberado de merecê-lo. "Por mais elástica que seja a vaidade humana — escrevia num dos últimos documentos de sua lavra — não posso descobrir em mim as distinções e benemerências com que me quiseram guindar *ad astra*".

O SACERDOTE

Cinquenta e cinco anos de fecundo apostolado, eis o que foi a vida sacerdotal de Monsenhor Bruno Figueiredo. Serviu á Religião no altar, no púlpito, na cátedra, na imprensa, no ministério paroquial e nos cargos de administração eclesiástica. Serviu-a com a firmeza de sua fé, com o brilho de sua cultura, com o exemplo de suas virtudes.

Detentor de grande prestígio moral no seio de sua classe, e a ela todo dedicado, foi um dos fundadores da "União do Clero" (1884) e da hierarquia mereceu as mais altas distinções.

Cônego honorário do Cabido de Belém (1891), Camareiro e Prelado doméstico do Papa, Protonotário apostólico (1900), teria chegado á plenitude do sacerdócio se não houvesse, segundo consta, declinado a mitra do Amazonas. Promotor do Bispado do Ceará (1878-1888), vigariou posteriormente as paróquias de Soure (1893-1894) e Maranguape (1894-1895) e exerceu interinamente o governo desta Diocese, como vigário geral ao tempo de Dom Joaquim José Vieira, cargo que deixou espontaneamente em 1913, para voltar á actividade paroquial, desta vez em Aracatí, terra de seu berço, em cujo seio dorme o derradeiro sono.

Embora houvesse dignificado os altos postos que ocupou, jamais quis

ser outra cousa senão o *Padre* Bruno, como gostava que o chamassem e como invàriavelmente assinava o seu nome.

Exerceu, como poucos, o apostolado da pobreza e da caridade. Ainda seminarista, repartia com seu colega e conterraneo Manuel Florentino Cavalcante a pequena mensalidade que lhe mandavam os pais, e mais o vestuário de seu uso.

Sempre viveu sem dinheiro, que em suas mãos era como um viajor benfazejo. A' medida que lhe vinham, espontaneas, as espórtulas do paroquiato, ou a remuneração do magistério, únicas fontes de renda que conheceu, ia provendo ás necessidades alheias, deixando as suas á munificência d'Aquele que veste os lírios do campo e alimenta as aves do céu.

Esborcinados pelo uso, os bolsos da velha batina estavam sempre abertos a uma caridade sem medida e sem jactancia. Por mais de uma vez a velha governanta de sua casa teve de recorrer discretamente aos parentes para que na mesa do Sr. Vigário não faltasse o estrictamente necessário.

A alguém que, lastimando essa situação, lhe apontasse o exemplo de previdência de outro sacerdote, proprietário e detentor de economias, Monsenhor Bruno, indiferente á insinuação, respondeu pachorrento: "Por minhas mãos tem passado muito mais dinheiro do que pelas dele...".

Bem se vê que, para ele, o essencial era ter posto em boa circulação todo o dinheiro que lhe viera ás mãos. Poderia tê-lo retido, com justa causa. Preferira, todavia, praticar esse distributismo evangélico, segundo o qual quanto mais se dá mais se entesoura.

De seus amigos ouvi que dentre os bens materiais só manifestava certo apego aos seus inseparáveis charutinhos. Fumante inveterado, usava-os continuadamente, preferindo por último os fabricados ali mesmo no Aracati, mais novos e mais baratos.

Não era, entretanto, de seu feitio manifestar práticas de ascese. Preferia mostrar-se tal como era por temperamento, extrovertido, conversador, revelando sempre na palestra, por vezes faceta, irónica algumas vezes, profunda experiência das cousas e dos homens, notadamente dos homens de seu tempo, que conhecia até mesmo através de suas heranças ancestrais. Não fora ele um bom genealogista...

Inimigo da maledicência traiçoeira, caracterizava-se por uma franqueza sem subterfúgios, que todos respeitavam.

Ainda está por ser estudada entre nós a influência exercida pelos velhos vigários na evolução social e religiosa das paróquias sertanejas. Verdadeiros pastores foram eles, profundamente identificados com a sorte do rebanno, sobre o qual exerciam o influxo benéfico de sua autoridade paternal. Ninguém nos contou ainda o papel desempenhado por um Sal-

viano Brandão, em Quixeramobim, por um Lúcio Ferreira, em Quixadá, por um João Luís, em Russas, por um José Candido, em Boa Viagem, por um Bruno Figueiredo, em Aracati.

A ação benéfica deste último não se exerceu apenas nos estreitos limites de uma paróquia: encheu por largo período toda a Diocese. Já se disse, com justeza, que foi o sacerdote de maior brilho e influência de seu tempo.

Desaparecido em 1930, há precisamente vinte anos, vive imortalizado no ideal que foi para ele a razão mesma da existência: dar-se todo a todos. Nisso consistiu a sua felicidade, sentimento que Rui Barbosa interpretou como "a doçura do bem distribuido sem ideia de remuneração".

Srs. do Instituto do Ceará:

Aí está o sábio e o justo que me foi possível revelar-vos, se é que de sua rica personalidade alguma cousa vos revelei.

Sinto-me feliz de transpor os umbrais desta casa guiado pela evocação de um varão a cujos méritos peço estímulo para corresponder á honra e á confiança que em mim depositastes.

Convocado para o trabalho, aquí me tendes animado do propósito de consagrar aos objectivos do Instituto a dedicação a que me exorta o seu lema sugestivo — *grande patientiae documentum.*

Do PE. DR. MISAEL GOMES

Sr. Presidente,
DD. Autoridades,
Exmas. Sras. e Senhoritas,
Estimados Companheiros,
Meus Senhores:

Lembra-me a figura do precursor da independência sul-americana, FRANCISCO DE MIRANDA, cujo bi-centenário de nascimento a Venezuela, sua pátria, festejou desde Março. Napoleão Bonaparte, que o conheceu pessoalmente, disse uma vez: — "Miranda leva na sua alma o fogo sagrado!"

Era a ideia da liberdade e da civilização do seu Mundo, o sonho de uma grande nação íber-americana, forte e ao mesmo tempo digna.

Consenti, meus Srs., nesta saudação a um dos eleitos do

nosso Instituto, consenti que o compare: — Florival, este moço, traz na sua alma o fogo sagrado: nada menos que a sua cultura científica, benza-o Deus! e amor ao trabalho e todo um devotamento patriótico.

Depois da grandeza moral, nada brilha mais do que a inteligência culta.

"Ainda há no mundo, escreveu Júlio Dantas, alguma coisa mais terrível do que um canhão quando dispara: é um sábio que raciocina".

"A Ciência? vos digo á maneira do nosso Dolor, a Ciência é coisa muito séria!..."

S. Gregório de Nazianzeno considerava-a o principal de todos os bens terrenos. Oh! se não é! Constituindo-se fundo da Civilização, ensina o homem a edificar templos, construir navios, arquitectar maquinas, curar doenças, lançar pontes, facilitar meios de transporte, produzir o mais variado parque de instrumentação agrícola ou industrial. Em verdade, o homem nasceu para compreender e agir.

Compreendeu prestes a sua origem e destino. Além do que, "prefiro uma gota de sabedoria a toneladas de riquezas", ponderou Anaxágoras. Deveras há, nalma mesma da Ciência, uma operosidade riquíssima. Desde as vitaminas e vacinas até a rádio-telefonia ou a televisão, as maravilhas do mundo, devemo-las à Ciência.

O valor prático anda à perna do valor intelectual, porque a Ciência transforma a matéria nos interesses humanos.

Escreveu Bacon: "O homem, interprete da Natureza, pode tanto quanto sabe". Cláudio Bernard: "O homem pode mais do que sabe". Não há mistér compreender as realidades profundas para agir, do mesmo modo que não se faz necessário conhecer a natureza da electricidade para se utilizar dela.

Entretanto, levese em mira a fórmula baconiana, conhecendo, se não a substância, pelo menos as aparências sensíveis das coisas, para agitá-las e aproveitá-las.

Entende Fustel de Coulanges que um dia de síntese exigiu anos de análise. Esta desvenda surpresas, leva a alma a sentir

o arrepio do infinito e do eterno. "Pouca ciência, diz Bacon, afasta-nos muitas vezes de Deus, e muita ciência aproxima-nos sempre dele".

Sozinha, a ciência não logra traduzir o significado supremo do universo, o segredo da vida; nem tão pouco nos dá o verdadeiro senso moral. Há de haver alguma coisa que transcenda a ciência.

Precisamos também da ética, da arte, da filosofia e da percepção de um mistério sagrado, o sentido da comunhão com o poder divino, o qual se nos constitúi base religiosa.

Surgem as queixas de que a Ciência aumenta o poder humano um pouco para o bem, outro pouco para o mal: gerou poderosas máquinas destruidoras nas duas últimas guerras.

Melhor falarmos lisamente. Nunca deixei de pensar comigo que o progresso moral desacompanhou o progresso material, identificado este com a própria Civilização. A Ciência não supre a virtude, embora pareça a flor cheirosa e sã.

Vai então, quando Deus quer castigar as nações, manda-lhes guerreiros que só têm de grande a espada, oradores que só têm de grande os discursos e, finalmente, financeiros que só têm de grande... as algibeiras.

Valha-me Deus! necessita-se de um ideal moralizador, que cure a maneira de utilizar a Ciência, benéfica e sem desaso, a vencer os caminhos mais honestos.

A legítima ciência não é presunçosa, não tem fidúcias; vacila o sábio muitas vezes e, não poucas, muda de parecer. Claparède, referindo-se a Binet, diz que este sempre estava disposto a renunciar qualquer conclusão mal fundamentada.

Nossos conceitos e nossas teorias, em contacto com os factos, são susceptíveis de revisão, continuamente. Avança a ciência, pouco a pouco, por meio de correcções e acréscimos sucessivos.

O próprio Newton, ao formular sua hipótese famosa, nunca julgou a gravidade inata e própria da matéria; nem a influência a distância como sua explicação física. Limitou-se a confessar ignorancia sobre a causa da gravitação universal; en. for

ma interrogatória, aventurou atribuí-la a um meio etéreo que, por sua densidade no espaço livre, maior do que na proximidade da matéria, impulsionaria as massas, umas sobre as outras. Newton preferiu aguardar, modestamente, melhores luzes de futuro.

"Para conseguir efeitos grandes e para levar a cabo empresas dificultosas, diz o Padre António Vieira, mais segura é uma ignorância bem aconselhada que uma ciência presumida".

Pedagogico não é correr o professor a emendar erros do aluno, mas esperar que este os corrija, porque então melhor será o saber, e mais firme.

Chama-se isso elaborar a Ciência, esposá-la no caminho do erro por nós cometido e por nós corrigido.

Na admirável comparação de Pascal, todas as gerações humanas, com o trânsito dos séculos, figuram um homem só, que subsiste e continuamente aprende. Deve-se estudar muito, porém ocupe a Moral posição condigna dos assomos técnico-modernos. Seja estrela que polarize as vistas acima das nossas cabeças.

Cada ideia figura uma força a traduzir-se em realidades. O papel da Ciência indicar os elos que prendem conceitos aos fenómenos respectivos. Mas insisto que Ciência sem consciência traz a ruína da alma.

Aqui, meus Srs., um abnefado cultor da ciência, se quiserdes sacerdote da ciência: o nosso Florival, nascido em Vizeu do Pará.

Indiscutível que, na infância, na juventude, já muito se encontra do homem futuro...

Tive oportunidade de conhecê-lo pelo Colégio de S. Luís, Fortaleza, onde fui um de seus professores.

A' energia da sua vontade, chamo-lhe âmbula do gênio, que nem todas as vezes é precoce como de Mozart. Também surge tarde, depois que se viu empachado, o próprio génio, de elementos catalisadores, um dos quais o esforço de quem o pressentiu. Qualidades de primeira ordem, atribuídas à inteligência, são antes qualidades de energia e constância da vontade.

O grande Newton, a alguém que se extasiou diante do seu génio, respondeu: "O génio é a paciência". E doutra vez: "Quanto fiz, o consegui simplesmente querendo a mesma coisa e pensando sempre nela". Aproveitemos, que o génio é a paciencia, a vontade constante e a atenção, por igual, constante.

Deixei o meu aplicado aluno ou ele me deixou primeiro, não recordo bem, e quase digo, este agora o 1º contacto direcio, após vários anos. Foi ele a outras praias ou arribas, a atuar tristuras e carpir saudades, de certo; mas exultei de saber que, na Baía, pela Faculdade de Medicina, velho manancial da Ciência no Norte brasílico, Seraine defendeu tese, aprovada com distinção (1930).

Pertencendo à Sociedade de Geografia e História do Ceará desde de 1935, publicou (1938) estudos sobre a cultura brasileira, a começar da época colonial; sobre a Terra cearense, sua língua, arte, literatura (1948) e crítica; além de divagações, se não generalizações científicas, em torno ao Discurso cartesiano do Método; "Considerações sobre o autocídio", e assuntos folclóricos, membro que é também da Comissão Nacional do Folclore, na Sub-Comissão Cearense.

Destaco, nesta hora, a presença entre nós do Sr. Renato de Almeida, figura egrégia, nome ilustre do Folclore Brasileiro. Digne-se receber as nossas saudações e sincera homenagem.

Um dos precursores do Folclore do Mundo Oriental, Pausânias, cuja obra sobre a Grécia é colecção do que ouvia em várias localidades, narrativas de simples conversas. Não teve émulos nem continuadores até meados do século XIX.

O arqueólogo William John Thoms levantou a ideia de se abranger, numa palavra só, tudo quanto representasse "antiguidades e literaturas populares". Ajustaram e combinaram-se os dois termos: *folk* (povo) e *lore* (saber).

A palavra composta *folklore* apareceu, a primeira vez, em o número da revista *Athenium* (Londres) de 22 de Agosto de 1846, merecendo logo incluída nos Dicionários. Modernizaram-na, com a substituição pelo *c* do *k* da penúltima sílaba, tónica ou predominante.

Nada do que é grande neste mundo nasceu grande. Do Folclore, a princípio, contos de fadas, que corriam mundos mais ou menos fantásticos. Estudando de perto o conteúdo dessas narrativas, descobriram-se-lhes, mais que simples fantasias, restos de crenças ou costumes, recordações de divindades, objectos de culto antigo, que os pagãos e, depois, a religião cristã consideraram supersticiosos, passando a categoria de imagens poéticas e assuntos literários, apenas.

Na metade do século XIX surgiu organizado o movimento folclórico, que hoje realiza progressos incontestáveis pelos Estados Unidos, Itália, Espanha, Bélgica, Holanda, e cujo órgão centralizador se acha, ao que me consta, na Finlândia.

Já se enriqueceu deveras o Folclore a compartir dos estudos da Literatura, Linguística, Música e Artes decorativas.

Seus limites indefinidos, com o mesmo jeito e disposição de toda ciência cujos objectivos são actividades humanas; assim da Economia Política, também da Estética, Filologia, Geografia... Tamanhas indecisões que, desde uns 30 anos, se formaram disciplinas de ciências outrora independentes: a físico-química, astronomia-matemática, geografia humana etc. Os filósofos vêem-se enleados com a divisão de conhecimentos.

O Folclore estuda o problema do homem, elemento étnico, sociológico e cultural; aprecia o indivíduo, o vulgo, o povo, tendências e possibilidades; numa palavra, estuda a Vida. E complicadas que são as molas da Vida!

"Não há meio mais eficaz de chegar ao conhecimento da psicologia natural de qualquer povo do que o balanço ao seu Folclore", observou Medeiros e Albuquerque.

Os inventos deixam atrás cadeia precursora de invenções menores. Nenhum génio, por mais poderoso, ostentará criação absolutamente inédita. Portanto, vastíssimo o campo folclórico dos três: o índio, o lusitano e o negro, elementos nossos formadores.

Do primeiro, a barbaria, que o sufocava, não impediu se lhe desenvolvessem as manifestações musicais. O segundo, criador da palavra *saudade*, teve à mão as primeiras trovas bra-

sileiras, ao som de violões confidentes ou violas; e, mais arraigada que a saudade portuguesa, cavou-nos a africana nostalgia. Extravasou-se o culto das superstições nos rituais e cantares que, aos poucos, se infiltraram terra dentro.

De origem afra são muitas dansas sertanejas, bem como as *músicas de choro*, ou simplesmente *choro*.

Síntese de recordações, de movimentos convulsos, ritmos africanos e americanos, zangarreou o *samba*, com o qual o Brasil vibra numa expansão humorística, primeva e ressoante.

No Folclore nacional, músicas, muitas músicas e versos . . . a música mais saborosa que a poesia, na opinião de Sílvio Romero. Eivado de erros o nosso linguajar, inda hoje, por causa das raças, duas sobremodo incultas. Continuamos a formação étnica, com elementos novos, adventícios.

Gustavo Barroso, 1911, escreveu a primeira classificação de manifestações folclórico-brasileiras em "Ciclos temáticos". Câmara Cascudo refaz, dos começos do século XVI até o XX°, a cadeia tradicional, numa Antologia (1943) de cronistas, viajantes e estudiosos do Brasil. Seguir a marcha de qualquer evolução e deixar-se levar pelo desdobramento dos factos é para o historiador regra de sabedoria.

"Quem não tem apego ao pasado não pode pensar no futuro", disse Paula Nei.

O Ceará teceu um folclore intenso e rico, talvez o mais puro e autoctono do país, em razão das secas, nosso martiriológio ou via-sacra, milenária sem dúvida.

Pegou; apareceram vocações decididas, de um Juvenal Galeno; do nome de oiro da actual geração cearense, Gustavo Barroso; de Catulo, a voz da terra, o poeta da brasilidade, como lhe chamou Rui; finalmente, a esta breve citação coroam os nomes de Leonardo Mota, João Nogueira e FLORIVAL SERAINE.

A *modinha* é forma expressiva do nosso folclore; ela registou todos os acontecimentos sociais. Algumas se tornaram célebres, olvidado o nome de quem as fez. O Nordeste cantou-as lindas; mas, indiscutìvelmente, o *coco* fará fé à alegria das praias branco-nordestinas.

Repetir o que já disseram outros vale alguma coisa, uma vez que a História é ressurreição, conforme Michelet; porém descobrir novidades significa muito mais. "Como milhares de factos são ainda desconhecidos e estão a espera de quem os queira descrever, os manuais, as monografias folclóricas são necessàriamente incompletas".

O novo consócio, além de ter empreendido o levantamento bibliográfico-etnográfico-folclórico do Ceará, interessou-se pelo sertão, antroponímia e toponímia, pela indústria extrativa vegetal do *hinterland* e jangadas dos verdes mares. Frequentou a mesa eucarística do repasto de ideias oferecido ao povo pela imprensa, Revistas de Fortaleza e de outros lugares. Visitou Museus de Lisboa, Paris e Roma, aonde costumam ir discípulos, amantes da verdade, e principalmente fieis apóstolos de doutrinas.

Encontrei esta síntese admirável sobre o homem culto: "O que sabe onde está aquilo que não sabe".

Do velho Mundo recebemos, Florival no-la trouxe, a consoladora notícia de que "o amor à arte e o culto à beleza permanecem vivos nas principais cidades europeias..." Quem escapou ao perigo, a vida ama com mais força. A Europa é hoje uma convalescente.

O melhor uso que podemos fazer de nossa vida, empregá-la em algo mais duradouro. O saber é de todos os actos, disse Renan, o menos profano; porque é o mais desinteressado, o mais independente, o mais objectivo; torcem a cara a sua santidade, aqueles para quem não existe nada santo.

Na obra já referendada pelas citações de autores conterrâneos, acentuaram-se os inquéritos, as pesquisas e variedades dialectais ou folclóricas deste Nordeste, o que não impediu seu Autor de evocar a velha Roma, em silêncio e de joelhos, "ouvindo o murmúrio de suas fontes e embriagado pela sua arte de majestosa e grave beleza" (F. Seraine).

Estou que a cultura é elemento de actividade criadora, à disposição do homem para dominar o mundo físico, acrescer o bem-estar individual e social, assim como resolver situações di-

fíceis. A fim de alcançar tal escopo, não basta a riqueza de cultura adquirida; faz-se necessário renová-la e ampliá-la, visto surgirem problemas que os acontecimentos e conhecimentos obtidos não resolvem.

Acontece, ademais, que o homem nunca está satisfeito; faz-se-lhe uma obsessão ir sempre adiante. Em muitos, este anseio tem sido fecundo. E a História, reveladora do mecanismo de causas e resultados, mostra-nos como, vez por outra, surgem novas e diferentes situações.

Enfileiram-se argumentos, esses e outros, em favor do próvido Instituto do Ceará. Todos lhe queremos muito. Buscamos aqui a fonte inestimável de nossas alegrias, fonte espiritualizadora, luz da alma, sinfonia do universo: o Saber.

Desfeiçoamos manifestações exteriores ruidosas, e quase nos não conciliamos com a materialização do esforço expendido na intimidade de nossos gabinetes. "A natureza, escreve Mentré, vela aos olhares o mistério da fecundação das almas, com o mesmo ciume com que oculta o mistério da fecundação dos corpos".

A ciência não se pode vulgarizar, sem se abater. O público é que há de subir, lentamente, os degraus que conduzem a seus altares. Mas todo sábio descobre subtilezas e grandezas em coisas mínimas.

Á colação trago, primeiramente, Miguel Ângelo, o artista quase direi incomparável.

Certo amigo foi visitá-lo na oficina de trabalho. Tempo depois voltou e viu que ainda nutria o empenho da mesmíssima obra. — Então, que fizeste, desde a minha última visita? — Retoquei esta parte, poli aquela, alisei estes contornos, fiz sobressair este músculo, dei mais expressão a este lábio, mais energia a este braço...

— Ora! acudiu o outro, isso são bagatelas...

— Sim, fechou Miguel Ângelo; porem certo de que não pode deixar bagatelas, quem anseia pela perfeição, que nunca foi uma bagatela!

Haja vista, por seu turno, ao nosso homenageado. E' o

caso. Publicou no Rio de Janeiro, pelo Boletim da Comissão Nacional de Folclore, dentre outros estudos, alguns de poesia popular, e... sobre a "peteca", a "funda", o "badoque", a "baladeira", trabalhos merecedores de transcrição no sul do país, Sta. Catarina.

O Barão de Studart nos dera o exemplo de coligir usos e superstições cearenses. Dir-se-iam nonadas, insignificâncias. Americano do Brasil chegou a escrever, 1920, "No convívio das traças..."

Que se façam investigações meticulosas, microscópicas até. Muito bem! Mas, com iguais esmeros, olhos lancemos ao alto... O debruçar-nos sobre um fundo de agulha é útil. A Agulha mereceu, das mais belas páginas de Machado de Assis, crónica magnífica! Portanto, o debruçar-nos sobre o fundo de uma agulha é útil, contanto que saiamos dele.

Sem verdades supremas, sem ideais, sem religião, mofino nos parece o património intelectual, espiritual e humano. Desdobram-se a olhos vistos horizontes largos e rasgam-se perspectivas insondáveis...

Só pela verdade, o sábio dá tudo; sacrifica-lhe a saúde e é capaz de imolar a vida. Dirá com Lanson: "*Si nous ne sommes pas faits pour trouver la verité, du moins est-ce notre affaire de la chercher*".

Não há duvidar, a sede de verdade é uma paixão de amor.

Cruzaram-me, depois disso, ideias de vária casta e feição. Hesitei. O exemplo, porém, se me deparou de Olavo Bilac .. pelo que remato este capítulo, lembrando o sucedido dentro das famílias.

Compraz-se de viver aí, e esclarecer e abençoar seus penates, o Anjo ou Santa a quem todos devemos carinhos máximos. Para ela a última palavra, a derradeira homenagem de toda a gente, em circunstância grave ou solene.

E' o que acontece também nesta Casa, no regaço do Instituto. Destacamos, honramos e cumprimentamos a humilde e parca em haveres, rica de amores: a gleba cearense.

tuem decerto fatores de monta para uma compreensão de nossas

Florival! na tua pessoa, saúdo o futuro da terra mártir e deusa *mater* de nossos corações.

Sê benvindo a esta Companhia, onde velhos e moços, antigos alunos e mestres — fraternizamos.

Paulo de Saint-Victor, citado por Gustavo Barroso, quer que a alma de uma raça se resuma em suas trovas alegres ou tristes. Aqui algumas, cearenses:

O fogo nasce da pedra,
A pedra nasce do chão,
O amor nasce de dentro,
Do interior do coração.

Não sei se vá ou se fique,
Não sei se fique ou se vá,
Partindo, não fico aqui...
Ficando, não fico lá...

Adeus! te digo afinal,
Adeus! te digo chorando,
Adeus! te torno a dizer,
Adeus! até não sei quando!

Com tais ensinamentos de amor, repetidos através de hinos e canções, já se profundaram os alicerces do nosso civismo.

Por onde, meus Srs., concluo: à feição do Presidente do Instituto, à guisa de qualquer um dos POMPEUS, nossos grandes Pompeus, eia, sus — todos com o Ceará e pelo Ceará!

Vamos! Vamos!

Do DR. FLORIVAL SERAINE

Senhor Presidente,

Senhores membros do Instituto:

Missão árdua, esta nossa de discorrer sobre agremiação cultural já consagrada em todo o País, e constituída de vultos

exponenciais da inteligência cearense, com projecção também nos círculos sociais.

Tarefa cheia de escolhos, tanto mais quanto o orador não virá aqui de estudar a personalidade de antecessores ou de um patrono, senão de focalizar a instituição em si, a obra de cultura que vem ela efectuando no decorrer do tempo, desde quando surge no remoto ano de 1887. E quanta coisa bela e sábia já se proferiu acerca do tema!

À medida que avançamos em idade, vão-se-nos estancando as fontes da improvisação, e literatura propriamente já não logramos realizar, a não ser em forçadas ciscuntâncias.

Tratar hoje de assuntos gerais, sem necessidade de aplicar a observação e o raciocínio sobre coisas, seres, ou factos. determinados, prefixados, constitue dificultoso mistér para quem, como nós, não desconheçe em Ciência a importância superior da especialização, e teme a dispersividade, por saber que o conhecimento profundo de um tema concreto de uma ciência indicada poderá facultar a conquista de verdades que não logrará todo o enciclopedismo.

É exacto que por mais revolvido que se encontre um terreno cultural não o devemos abandonar definitivamente: o mundo das idéias é portentoso; das entranhas daquele solo com a aparência de esgotado podem saltar novos e frescos rebentos do conhecimento. Tudo depende de certa parcela de independência mental, do desejo veemente de penetrar o sentido das coisas, do amor à verdade, que faz despresar tabus e preconceitos, ainda os mais imperiosos.

Depois das sugestivas lucubrações de um Dilthey, as atenções críticas volveram-se mais fortemente para a concepção do "espírito do tempo" (*Geist der Zeit*), que assinalará as manifestações culturais em cada período histórico, imprimindo-lhes seu profundo significado.

Os penetrantes estudos do filosofo tedesco sobre as relações entre a poesia da época clássica e a metafísica do idealismo alemão, transpondo óbices interpretativos á primeira vista sem solução, para alcançar uma unidade de pensamento em sínteses fundamentadas, esclarece bem a compreensão do seu filosofar,

impregnado, como nenhum outro, de real sentido do histórico, e cônscio das divergências metodológicas nos processos que devem reger as interpretações do natural e do cultural.

Depois de Dilthey—tornamos a frisar—impossivel se torna compreender os entes culturais sem achar-se o crítico imbuido dessa aguda historicidade.

Mas o que não deve passar despercebido é a ocorrência de inclinações espirituais peculiares a certos povos, as quais marcam facetas características da sua cultura em todas as épocas.

É curioso observar que essas tendências intimas, manifestes no plano cultural, através de obras consideráveis, se acham ás vezes ocultas sob revelações artísticas que seguem "escolas" de vária orientação estética.

Em nosso pequeno volume de ensaios críticos "Através da literatura cearense", ao estudarmos a obra de Juvenal Galeno, acentuámos a tendência objectivista preponderante na literatura regional. Objectivismo que se registrará nas melhores produções, as mais significativas já aparecidas em nosso meio. como também na propiciedade do ambiente intelectual á floração de correntes estéticas em que o aludido pendor se acentui, como directriz e fundamento da criação.

Sem dúvida, faz-se mistér exarado aqui que usamos do termo objectivismo, em contraposição a subjectivismo, no sentido de que é o objectivo, o exterior relativamente ao espírito individual, e não o subjectivo, o inerente ao *eu*, que parece indicar ou determinar essencialmente o processo da elaboração literária.

O fenomeno pode não ser apenas nosso, em verdade não o é, mas a importância de sua apresentação certamente residirá no valor concreto que ela busca, em ser uma verificação alicerçada na realidade cultural.

Sob esse ângulo de compreensão de nossa história literária, ressalta que o naturalismo, o parnasianismo, o moderno realismo de expressão regional ou social se impõem como núcleos de forças intelectuais, levando-se em conta tanto o critério da qualidade como o da quantidade. E podemos ainda salientar, na órbita da mesma orientação espiritual, os estudos geográficos,

históricos, etnográficos e sociológicos, exercidos objectivamente sobre o nosso meio, que absorveram algumas das mais sólidas figuras da intelectualidade cearense. Personalidades essas, reunidas em grande parte, desde o primeiro grupo, o fundador, — é justo que se observe — sob a égide do Instituto do Ceará, agremiação que nasceu ainda na passada centúria, em nossa capital.

Antonio Bezerra, Paulino Nogueira, Barão de Studart, Joaquim Catunda, Perdigão de Oliveira, Juvenal Galeno ai se encontraram, porque há muito os seus espíritos, arraigados á mesma provincia, secretamente se buscavam. Esses eram cearenses de verdade, que jamais abandonaram a sua gleba, cujos campos de estudos lavraram proveitosamente, nos domínios da história, da etnografia, da poesia popular.

Sem o esforço desses pioneiros, o que seria de nós, incapacitados pelas urgências da vida moderna de executar certas minuciosas e exaustivas tarefas, nas quais alguns deles consumiram o mais precioso de suas existências! E, em seguida, quantos nomes de relevo vieram juntar-se aos daqueles fundadores do Instituto!

Tomás Pompeu, Rodolfo Teófilo, Alvaro Gurgel de Alencar, Eusébio de Sousa, José Carvalho, João Nogueira, Leonardo Mota, para citar apenas figuras desaparecidas, dentre estas talvez as que trouxeram contingente mais apreciavel aos estudos cearenses. E hoje o Instituto, firmado em glorioso patrimonio intelectual, abriga no seu seio inteligências que, em verdade, representam a nossa cultura. A que, sem dúvida, há-de ficar, tanto mais valorizada quanto for crescendo a distância no tempo, sabido que este é o autêntico aferidor dos valores humanos.

João Brígido, cujo ânimo turbulento o afastou deste organismo intelectual, onde devera ter penetrado pelas suas qualidades de historiógrafo, afirma em "Ceará — homens e factos" que "até 1817 miséria é quase o exclusivo objecto das cronicas da terra. O pão era a primeira preocupação, o cuidado de todos, tão escasso e falivel era ele".

As condições climáticas, a hostilidade mesológica, a formação étnica peculiar, em que se operam sucessivas mesclas de

sangue indígena com o do português colonizador. entrando no caldeamento reduzida proporção de sangue afro-negro, constituem de certo fatores de monta para uma compreensão de nossas idiosincrasias, de nossa psicologia individual e coletiva.

Contudo, não é plausivel afastar a determinante sócio-económica, a atmosfera de pauperismo, aliás sob certa dependência dos factores mesológicos, em que respiramos no curso histórico, de tal sorte que nunca se registou entre nós, como em outras provincias brasileiras, "hierarquia económica com foros de nobreza adventícia", para usar aqui da expressão de um sociólogo conterrâneo.

Vida áspera, dificil, exigindo mobilização de forças interiores para enfrentar a dura realidade; natureza hostil que preocupa, absorve a atenção do homem, necessitado de encará-la de frente para sobreviver; vão tornando ao cearense objectivo, realista, afastado do domínio das puras abstrações.

Falta, não raro, aos escritores locais o dom da introspecção, a faculdade de exercer análises penetrantes, a atração pelo vago e o simbólico. Pelo menos, essas não constituem notas essenciais, predominantes ou caracteristicas, da sua obra literária.

A psicologia do nosso povo oferece vários outros traços indiscutiveis, cuja explicação assentará nesses factores apresentados, e um deles é, sem dúvida, repulsa a projeções individualísticas, certo pendor democrático. Dignos de nota são o espírito associativo, a comunicabilidade, que há de ter sido fonte das inúmeras sociedades que regista a história literária do Ceará, entre elas a agremiação a cujo quadro de sócios efectivos hoje nos incorporamos.

"No dominio próprio do homem o ponto central que domina todos os problemas é a ideia de cultura" — afirma Rudolf Eucken.

Distinguir *cultura* de *civilização*, chegar a um significado preciso de cada um destes termos, vem sendo, todavia, objecto de altas e antigas cogitações filosóficas.

Kant expendeu admiráveis juizos sobre o tema. Ponderava ele em certo trecho de sua obra: "Somos cultos em alto grau

pela arte e pela Ciência; somos civilizados até a importunidade, até toda classe de cortesias e de boas maneiras.

Todavia, muito nos falta para que nos possamos crer moralizados, posto que a ideia de moralidade forma também parte da cultura; porém quando esta ideia não dá outro resultado que introduzir uma aparência de moralidade no amor da honra e na urbanidade exterior, não existe aí mais do que civilização".

Evidentemente ,em nossa época, as concepções axiológicas trouxeram rumos atraentes á definição de cultura, que não é olhada apenas como o conjunto dos bens culturais, senão como este conjunto ordenado hierarquicamente, segundo a dignidade respectiva dos valores.

Esta preclara instituição, dispondo de nitido caracter científico, vem a ser, pois, autêntico objecto ou ente cultural, de criação colectiva.

Gerada por uma plêiade de homens representativos, e mantida em função por outros de valor mais ou menos idêntico, bafeja-a o espírito, u'a alma que vai secretamente animando a sua vida interior, como flama imortal.

As suas realizações, as obras dos seus membros, a sua excelente Revista, onde se encontram páginas e mais páginas reveladoras da nossa melhor aptidão intelectual, as suas grandes festas comemorativas, em que por ela falam os seus inspirados oradores, as suas coleções especializadas, o trabalho dos seus membros, tudo isso é cultura — espírito objectivado, na concepção hegeliana.

Observamos e sabemos estimar a contextura material dos objectos de cultura que esta agremiação apresenta. Mas isto — consoante indicámos — não revela o principal. O mais importante é o espírito que adere ao material e alí fica depositado como conteúdo, como *sentido*.

Demais, estamos em face de cultura autêntica, efectiva, que não pertence a dominio privado, convertida em bem comum, de gerações a gerações que a compreendem e admiram.

Os valores, que são a referência ideal determinante da

cultura, pertencem á mais alta hierarquia, fixando na vida da coletividade cearense uma posição inconfundivel.

No panorama da existência hodierna, em que o utilitarismo cada vez mais se desenvolve, marcando os caracteres humanos, instituições do género do Instituto do Ceará passam quase despercebidas das atenções comuns, da grei agitada que desfila ante o seu portico, indiferente ás luzes que dentro delas iluminam tantos espíritos de eleição.

Os dias se sucedem vertiginosamente; de 1887 ao presente quanta glória vã, e quanta ruidosa consagração, sumida na distância, sem deixar eco, sem repercussão na lembrança dos pósteros!

E, no entanto, a obra do espírito, daqueles que, humildemente, sem pretensões, aqui cooperaram, está de pé, cada vez mais altaneira!

A juventude devia mirar-se nesse exemplo; assim talvez melhor compreendesse a necessidade de o homem imprimir sentido mais alto á sua vida, desprendido das efémeras ambições materiais, no gozo pleno daquela liberdade, daquela autonomia, que só o espírito faculta, como alicerce do saber e da moral, que àquele nunca logra verdadeiramente abandonar.

Distinto auditório: ingressando nesta ilustre mansão, ainda esperamos alcançar, na medida de nossas possibilidades, o quer que seja de útil á cultura regional, amparados na certeza do amor que nutrimos pelas coisas cearenses, pelo interesse que em nós despertam a vida e a alma deste grande povo.

Convencidos de que o critério ou método puramente cronológico não pode servir, senão de modo superficial, a um exame da história literária cearense, há muito alimentamos o desejo de estudá-la sob aspectos mais condizentes com a realidade cultural.

A segmentação da literatura brasileira em períodos, de acordo com a sucessão de "escolas", da classificação europeia, tem sido ordináriamente a adoptada pelos nossos críticos, dela não escapando mesmo um Ronald de Carvalho, não obstante introduza ele algumas modificações no citado critério.

Em nossa província podemos referir, de certo, o aparecimento de arcades, românticos, parnasianos, simbolistas, modernistas, etc. Todavia, quase sempre sem perfeita ordenação cronológica e sincronismo com o movimento geral; ás vezes sem suficiente repercussão no mundo literário e sem o aspecto de agrupamento.

Evidentemente, o método a que acima aludimos, para a classificação e estudo da história literária regional, não ausculta a intimidade do nosso processo literário, faltando-lhe substância para uma unidade de pensamento, e sendo preciso ás vezes forçar a realidade para acomodá-la nos estreitos âmbitos da classificação apriorística.

Preferimos um critério baseado em nossa experiência histórica e na realidade cultural, dando preeminência aos factores de nossa história e de nossa cultura que hajam exercido influência sobre a literatura de certos grupos de escritores. E supervisionando tudo isso, um sentido filosófico, que orientará a interpretação dos fenomenos literários, de modo que não fique esta subordinada jamais ao accessório, destituido de verdadeira essencialidade.

Talvez um dia ainda ousemos empreender obra assim tão exigente de preparação intelectual.

Nos dominios etnográficos e folcloricos, a que de longe somos atraídos, tanto falta a produzir em inúmeros ramos, que escaparam á atenção de um Gustavo Barroso e de um Leonardo Mota. Não só como pesquisa, coleta documentária propriamente dita, mas ainda interpretação, quer seja linguistica, estética ou psicológica. Aliás, não apenas no meio cearense, como em todo o país, será dificil apontar realizações no género das que na Europa, modernamente, são empreendidas — na França, por exemplo, pela Sociedade de Etnografia Francesa e a de Folclore e Civilização Tradicional, e na Itália por cientistas da categoria de Toschi, Corso e a própria Sociedade de Etnografia Italiana. Das relações entre o Folclore e a Sociologia, tais como as concebem , entre outros, Lucien Febvre e André Varagnac, quase nenhum conhecimento se tomou a sério em nossos circulos especializados.

No terreno linguístico, sem procurar desmerecer o incontestável valor de alguns trabalhos divulgados na Revista do Instituto, precisamos, sem duvida, de atentar melhor para as ideias de um Charles Bally, de um Vossler, de um Meillet, de um Jespersen.

A geografia linguistica, as interpretações dos factos à luz dos modernos conceitos de psicologia da linguagem, os estudos estilisticos de acordo com os preceitos da famosa corrente "idealista", mostram-se ainda por cultivar, completamente irrealizados.

Essas observações que ora efectuamos nenhum intento de censura ou recriminação envolvem; longe de nós qualquer atitude que não seja de respeito e consideração pela obra augusta que se vem elaborando nesta casa.

Ao inverso, tanto a presamos que para nós constitui um dever dos responsaveis pela nossa cultura a edição das monografias mais importantes divulgadas pela Revista do Instituto, facilitando assim aos interessados o conhecimento de estudo meritórios, que se acham em números antigos da mencionada publicação, hoje bastante raros ou impossiveis de obter.

Trabalhos como "A pena de morte no Ceará", "Vocabulário indigena em uso na província do Ceará", da autoria de Paulino Nogueira; "Estrangeiros e Ceará", do Barão de Studart; tantos mais, necessitam de ser amplamente divulgados, não só em homenagem ás ilustres figuras que os produziram e cujos nomes são hoje pouco lembrados pelas novas gerações, mas também com o objectivo de servir á cultura, aos estudiosos que lutam com dificuldade para conseguir ás vezes bibliografia sobre determinados assuntos.

Srs. membros do Instituto:

Grande satisfação experimentamos nesta hora ao sermos acolhidos em vosso seio.

E maior ainda é o nosso júbilo, por termos sido saudados com tão lisongeiras expressões, na eloquência oratória de antigo mestre — o ilustre escritor e membro do nosso clero Padre doutor Misael Gomes, que nos ministrou outrora lições de uma destas disciplinas que aqui cultivamos.

Foi em antigo colégio desta Capital, e, além do orador, outros aqui presentes hão de se recordar desse passado comum, em uma Fortaleza que, certo, não ostentava os progressos materiais de hoje, mas dentro de nossa saudade fulgura plena de graça e encantamento.

Depois, foram os vários anos de ausência destas paisagens ensolaradas, no trato com pessoas alheias ao ambiente onde víveramos até quase a adolescência.

O desenraizamento haveria fatalmente de se processar. Mas agora, renovado há tanto tempo o convívio, ao ingressar neste sodalício, entranhada, tradicionalmente cearense, sentimos que a identificação é cabal, que de nada carecemos para nos julgar e sermos julgados um legítimo filho desta gleba.

Nossa readaptação espiritual ao meio ambiente em realidade já se vinha operando e em parte deve haver influído a poderosa atração que os temas regionais sempre exerceram sobre o nosso intelecto.

Conhecendo este forte povo, começamos a entendê-lo, e compreendendo-o melhor, a aceitá-lo como é, com todas as suas falhas e virtudes impressionantes.

Cremos que sem essa capacidade de simpatia, sem amoroso interesse, nenhum homem de Ciência, por mais bem dotado, logrará transmitir aos seus trabalhos os sinais de autêntica penetração na realidade humana e cultural.

"Na Ciência como na vida o fruto vem depois do amor" — já o dizia Cajal, eminente cientista de nossa época.

Do DR. JOSÉ WALDO RIBEIRO RAMOS

Senhores:

Todos temos, quando iniciamos nossas actividades literárias e se definem nossos pendores científicos, — caricaturista ou músico, romancista ou filósofo, artista ou poeta, — autores preferidos cuja influência nos acompanha pelo resto da vida.

O recipiendário de hoje, para quem o Instituto preparou esta festa,

querendo significar-lhe da sua alegria no momento em que o admite como sócio efectivo desta corporação, não pôde fugir á regra geral.

Ainda muito cedo, quando estudante, começou a aparecer na imprensa, assinando suas primeiras páginas, seus primeiros ensaios, que já revelavam certo cuidado no culto do bom falar ou escrever a língua. Era o despertar do homem de letras que seria futuramente.

Na adolescência manifestam-se, assim, as primeiras inclinações para qualquer um desses departamentos da arte ou da ciência, tendo-se sempre um modelo a imitar, cuja expressão artística se faz sentir imperiosa sobre o nosso temperamento.

Ás vezes essa imitação cinge-se únicamente á indumentária; procuramos nos vestir pelo modelo. Imitamos o penteado, damos um laço á gravata com tal ou qual requinte de gosto ou desprezo, como fazem os pintores e boémios; outras vezes, porém, é o modo de falar ou escrever que exerce sobre nossa sensibilidade tão poderoso dominio, verdadeira fascinação, que se manifesta e se trai em nossas mais despretenciosas composições.

Na Alemanha, ensina-nos a história literária, Schiller teve muitos imitadores; na França Victor Hugo foi o ídolo para muitos escritores e, mais remotamente, quase no berço da humanidade, Homero serviu de modelo ao poeta de Mantua, de quem, em Portugal, Luís de Camões se abeberou e se tornou o centro para o qual convergia uma legião de poetas menores, que procuravam seguir-lhe as pegadas, imitar o método de versejar, copiar o metro e a rima, enfim a estancia camoniana. No Brasil, não pudemos fugir a essas influências: dão-nos exemplo Santa Rita Durão e José Albano, entre nós, que indiscutivelmente foi o nosso maior poeta épico um clássico desambientado.

Quem não vê, quem não sente a influência dos "Lusiadas", em estrofes como esta, do poema "Caramuru"?:

"Choraram da Baía as ninfas belas,
Que nadando á Moema acompanhavam;
E vendo que sem dor navegam delas,
Á branca praia com furor tornavam:
Nem pode o claro herói sem pena vê-las
Com tantas provas que de amor lhe davam;
Nem mais lhe lembra o nome de Moema,
Sem que ou amante a chore, ou grato gema."

Porventura não foi Eça de Queirós o escritor que no último quartel do século XIX e primeiro do século actual exerceu, com a sua linguagem diáfana, uma maior preponderancia na mocidade brasileira?

Ninguém pode negar que recebemos essas influências através da

leitura habitual, do estilo de um escritor, da maneira de dizer e de ver as coisas, a ponto de reconhecer uma página sua, mesmo que não traga assinatura.

Contam escritores franceses, falando da vida íntima de Voltaire, que este costumava sempre chamar uma criada velha, espécie de governanta, La Foret, e lia-lhe páginas inteiras. Um dia querendo o escritor experimentar até que ponto chegava sua agudez de espírito, leu-lhe uma página qualquer das que tinha sobre a mesa. Terminada a leitura, disse ela para o escritor: "Seigneur, ce n' est pas vous qu' avez fait cela".

Na adolescência, quando se definia o seu pendor para a vida das letras e se ia formando um estilo próprio, soube escolher o Dr. Mozart Soriano as suas leituras, deixando de parte livros e autores irrecomendáveis, para aceitar únicamente o livro bom, sadio, cuja essência deleita, ao mesmo tempo que contribui para a formação da nossa personalidade intelectual, científica ou literária.

Neses particular por certo, muito poderia ter contribuido a opinião daquele sabio inglês, que disse: "Se eu tivera de buscar um prazer capaz de me amparar em todas as circunstancias, fonte de felicidade e de alegria na vida, defesa contra os seus males, "mesmo" quando tudo fosse pelo pior e tivesse o mundo contra mim, esse prazer seria o gosto da leitura".

Que outro, de facto, pode ensinar-nos o segredo dos tempos e nos dar a viver, quando o queiramos, a vida de todas as idades? O livro é a consolação e o enlevo, afasta-nos da realidade e a ela nos volve melhorados. Grande voto, pois, o daquele antigo, que exorava em linda rogativa: "Senhor, dai-me uma casa cheia de livros e um jardim cheio de flores!"

O famoso jesuita português, cujo nome era respeitado no Brasil, como em Portugal, serviu-lhe de modelo. Vieira constituiu-se a sua leitura habitual. Leu-o profunda e meditadamente e nessa Castália pura abeberou-se o jovem ensaista para a formação do seu estilo. O mestre transmitiu-lhe essa robustez e concisão de pensamento, que é uma das qualidades principais que se nota nos seus trabalhos.

Também outro autor que contribuiu para a sua formação literária, foi o nosso sempre lembrado Jackson de Figueiredo, sociólogo de méritos reais, cuja palavra exerceu na tribuna a maior fascinação sobre a mocidade universitária do Rio de Janeiro e cuja pena, posta ao serviço das boas causas, era como um dardo faiscante. E, justamente, com ele, no Centro D. Vital, Alceu Amoroso Lima, grande pensador e orientador das últimas gerações, cuja palavra ali era ouvida com entusiasmo. Em torno dessas duas simpaticas figuras da cultura brasileira, reuniam-se os moços estudantes para ouvir em aulas memoráveis noções da verdadeira ciência, noções que ficaram sedimentadas no seu espírito, através do tempo.

De escritores estrangeiros de projecção mundial, entre muitos que

escolheu para se orientar na vida, convem ainda salientar a poderosa influência de Jacques Maritain, discípulo de Bergson e companheiro de Leon Bloy, cujos livros são espalhados e lidos no Brasil inteiro e contam no seio da mocidade uma ala numerosa de admiradores.

* * *

A obra científico-literária do Dr. Mozart Soriano é, já, bem notável. Orça por um grande número de artigos publicados em jornais e revistas do Ceará e de fora, trabalhos sérios, bem lançados, alguns verdadeiros estudos, dos quais vamos destacar "LIGEIRAS CONSIDERAÇÕES EM TORNO DO PROBLEMA DO ENSINO NO BRASIL", "Pedro I E SUA POSIÇÃO VERDADEIRA NA HISTÓRIA", "A OBRA PEDAGÓGICA DE D. BOSCO", "A NOVA TOPONÍMIA CEARENSE", e "GÊNESE DA QUESTÃO SOCIAL".

Sua inclinação pelos assuntos sérios revela a profundeza de seus conhecimentos. Versa de preferência a economia, a sociologia, a política, a demografia, a religião, revela um temperamento amadurecido, um espírito desejoso de encontrar sempre soluções certas para os multiplos problemas propostos á ciência.

Em todos esses departamentos do conhecimento humano, os trabalhos que tem publicado focalizam serenamente esses problemas com a segurança e a clareza necessárias ao seu desenvolvimento. Assim, com essa disposição de animo, é que escreveu o seu "ESBOÇO DE HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA", uma "plaquette" de trinta e três páginas, apenas, dentro das quais condensa um excelente resumo da nossa literatura, dos seus prodromos á actualidade, com um exame critico bem urdido através dos vários movimentos por que tem passado o desenvolvimento cultural brasileiro.

Estou certo que seu magnifico trabalho de contribuição a esses estudos não pode passar despercebido: os conceitos que ele encerra são precisos, firmes e claros, obtidos pelo conhecimento verdadeiro de causas presentes e remotas do fenômeno literário.

Nessa pequenina obra contem-se tudo que é necessário saber tudo que ocorreu neste país de tão diferentes latitudes, onde por conseguinte essas causas são as mais diversas possíveis, em quatro séculos de literatura, isto é, de 1500, data do descobrimento, aos dias actuais.

« E' um trabalho de síntese, em que o autor, com o pulso firme de ensaísta culto, traça o roteiro que deve ser seguido pelos nossos humanistas. E quando lhe sobrar lazer, quando também for mais longa a experiência, tem o autor a obrigação de desenvolver, de ampliar as teses contidas no folheto de agora, para, de novo, entregá-lo ao público leitor da sua terra, refundido, aumentado, modificado em alguns conceitos, num volume que intitulará "HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA".

Medeiros e Albuquerque prefaciando o livro de Ronald de Carvalho, "PEQUENA HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA" escreveu: "Só é pequena, no nome. De facto, é uma grande livro". Assim digo com relação ao livro do Dr. Mozart Soriano.

Vejamos uma página dessa obra, sob o título "PORTUGAL E O BRASIL NO SÉCULO XIX":

> "No século XIX Portugal atingiu a curva mais baixa a que poderia chegar sob o ponto de vista político, deixando mesmo de ser o centro do Império luso-brasileiro, enquanto literàriamente teve algum esplendor, através do romantismo (que, ao contrário do francês, foi uma volta ás tradições locais, com Garret e Herculano), do naturalismo (Eça de Queirós) e do simbolismo (Eugénio de Castro).
>
> "Na história portuguesa um grande acontecimento, senão o maior, pelas suas repercussões, foi esse deslocamento do centro do Império para a colónia, primeiro caso na história do mundo.
>
> "O século XIX foi, portanto, a fase da mediocridade portuguesa e da ascenção brasileira, pois a vinda da corte para o Brasil só podia repercutir favorávelmente para nós.
>
> "D. João VI, fugindo de Portugal, infligiu a primeira derrota a Napoleão, servindo-se de inteligente ardil, inaugurando destarte, entre nós, o contínuo e talvez interminável rodísio das rasteiras políticas... Com a sua vinda e a da Corte, teve o Brasil de hospedar não só o mundo político do império, como toda a aristocracia das letras portuguesas. Isto representou muitíssimo para a nossa literatura, porque até então a distancia dificultava qualquer influência benéfica e intercambio eficaz.
>
> "Outro grande acontecimento na história portuguesa nos diz, também, respeito: — a nossa independência política, que não passou de um complemento da mudança do governo português para o Brasil. Aqui medrou por já encontrar ambiente, tanto entre nós quanto na Corte. A despeito da reacção que se processou em Portugal, antes e depois do memorável dia, a nossa independência se fez quase de acordo com a mãe-pátria e relativamente dentro da ordem, o que não se deu com os outros países americanos. O mesmo estranho fenómeno, aliás, haveria de repetir-se mais tarde, por ocasião da libertação dos escravos, que foi decretada entre flores, enquanto nos Estados Unidos da America do Norte, o mais civilizado país deste continente, facto semelhante provocou a maior guerra interna que já se processou no Novo Mundo".

Não há dúvida, o moço escritor foi muito feliz quando escreveu nesta síntese admirável a fisionomia política em efervescência dos dois países irmãos, mas situados em dois continentes distantes, separados pelo Oceano, um florescendo á sombra do outro, que o integrara no convívio da civilização.

Reflectindo o Brasil os processos literários seguidos em Portugal por Herculano, Garret, Eugénio de Castro, Camilo, Eça de Queirós, escritores geniais, prosadores, poetas, historiadores, só mais tarde é que a literatura brasileira se libertaria da influência destes moldes, com o magistral autor desse poema em prosa, que é "IRACEMA", que conta, já, traduções em várias línguas cultas do mundo.

Com José de Alencar, portanto, nasceu o indianismo, uma escola literária de reação, que determinou a nossa independência literária, trazendo um cunho de verdadeira brasilidade ou mesmo de acentuado regionalismo.

Foi ele quem definiu o sentido verdadeiramente brasileiro de nossa literatura, relegou os velhos moldes de importação europeia para criar o romance propriamente nosso, não só no sentido psicológico, senão também no da técnica peculiar a esse género de expressão literária.

Um país só pode ter uma literatura, verdadeiramente digna deste nome, depois de decorridos séculos de vida civilizada, depois que a língua que nele se fala e escreve tenha atravessado vários períodos de formação, como o período de dialectação, em que se manifestam as primeiras tendências para a fixação da língua, e o de dialecto, em que se prepara a sistematização, isto é, em que essa língua se orientará para a fase actual, moderna, de sua vida.

Assim, se forma e vive uma língua, assim, também, forma-se e vive uma literatura.

Na hora presente para a pátria brasileira, em que vivemos um período agitado e tormentoso da nossa vida pública de nação independente, o fenómeno literário assume características as mais diversas possíveis, e porque neste país, situado em dois hemisférios, o homem sofra a influência de climas correspondentes a latitudes diversas, tem, por força, de apresentar, na evolução da sua literatura, uma acção apropriada ao sentir individualista.

Isto porque nenhum fenómeno social reflecte tão intensamente o meio com as suas mudanças, as suas planícies, as suas ondulações, rios, altitudes, enfim a sua paisagem, como o fenómeno literário. Este jamais poderia fugir a influências ecológicas.

Tal por conseguinte o movimento que se processou no Brasil e que pretendeu criar uma literatura do norte, separada da do sul, puramente regionalista, com a interpretação de seus tipos, suas paisagens e cenários distintos, chefiado, em Recife, por João Franklin da Silveira Táyora. Nessa época foram publicados livros, romances vigorosos, desenvolvidos

dentro deste ambiente, entre os quais poderiamos nos reportar aos mais importantes, tais como "UM CASAMENTO NO ARRABALDE", "LOURENÇO", "LUZIA HOMEM", a magistral obra de Domingos Olímpio, e "MARIA RITA", um livro forte, de acentuado regionalismo e cores locais bem nítidas, livros que serão imperecíveis na nossa história literária.

* * *

Homem de letras e escritor, o Dr. Mozart Soriano pode ser considerado um modernista sem os exageros de linguagem da corrente a que se filiou. É, portanto, um modernista mitigado, conforme a classificação usada por ele próprio. Isto, entretanto, não impede que seja bom conhecedor da língua.

Familiarizado com a leitura dos clássicos portugueses ou brasileiros, aprecia-os dentro de justas medidas, deles aproveitando os ensinamentos, as regras, os conceitos que melhor se ajustam para o fim de escrever numa linguagem simples, correcta, sem atavios, fluente.

São estas as qualidades de todo escritor consciente de sua missão, e que vamos encontrar na obra do Dr. Mozart Soriano. Reconhece, de facto, entre os modernistas, alguns que se excedem no linguajar, desobedientes aos mais respeitáveis canones gramaticais. O meio termo é melhor. Ás vezes, em palestras comigo, diz-me das suas preferências, citando-me pelos nomes poetas e prosadores modernistas, que podem ser lidos porque de fato são verdadeiramente escritores, conhecedores da sua arte, já pela elevação do assunto, já pela excelência e oportunidade da linguagem.

Para se escrever bem o vernáculo é preciso, diz Humberto de Campos, ter-se conhecimento farto, seguro, deste, a par de uma leitura constante dos clássicos. E acrescenta: "Quem pretender escrever a lingua portuguesa, deve cenhecer, (responde a um consulente), alguma cousa do latim e do grego antigo, talvez, mesmo, seja necessário o conhecimento do hebraico e raízes sanscritas, passando, depois, pelo francês, espanhol e línguas romanicas. Só assim conseguirá escrever bem o português".

Não queremos levar a esse extremo, o que só seria possível aos que se dedicassem exclusivamente á arte de escrever, aos ricos, aos que tivessem sempre pronta sua farta mesa e não soubessem o que é necessidade, a uma pequena elite, enfim.

Achamos porém com Júlio Ribeiro que, ouvindo-se falar bons oradores, lendo-se constantemente os mestres da língua, os que a trabalharam com a pertinácia do artista, conversando-se com pessoas cultas, lendo-se os grandes diários, pode-se perfeitamente educar o ouvido no rítmo sonoro desta língua e acabar por escrevê-la ou falá-la correctamente.

O amor da língua é uma modalidade do amor da Pátria. Temos o

dever de aprendê-la bem para manejá-la como instrumento de arte, a fim de que, como desejava o épico:

"Floresça, fale, cante, oiça-se e viva
A portuguesa língua, e já onde for,
Senhora vá de si, soberba e altiva".

Escritor modernista, o Dr. Mozart Soriano escreve com muita correcção e, a par disto, com simplicidade, que é um dos caracteres mais difíceis, sobretudo na arte das letras.

Sua frase é clara e conceituosa. Não emprega adjectivos abundantes. Sabe dar a cada palavra a significação verdadeira, como o seu justo lugar na frase.

Lendo-se uma página sua tem-se a impressão de que ele prima pelo respeito aos mestres da língua, ás suas tradições. Não há exageros, nem quanto á forma, nem quanto ao estilo própriamente dito. Neste particular revela-se seguro de sua arte de escrever e destaca-se entre muitos escritores da mesma escola pela serenidade, pela ponderação.

Poder-se-ia dizer que ele tomou ao pé da letra a lição do filólogo Seyce: — "Linguagem é a manifestação exterior de um pensamento consciente".

Leia-se a tese apresentada a um congresso de escritores, intitulada "A POSIÇÃO DO ESCRITOR NA RECONSTRUÇÃO DO MUNDO", como o seu "ESBOÇO DE HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA", e em qualquer página que abrirmos poderemos perfeitamente apreciar esta assertiva.

* * *

Em 1946 reuniu-se aqui o primeiro congresso cearense de escritores, que teve a maior repercussão no meio e contou com a colaboração inteligente de um punhado de moços cultos, onde foram debatidos numerosos trabalhos, entre os quais alguns notáveis.

Para esse congresso concorreu o Dr. Mozart Soriano com a tese "A POSIÇÃO DO ESCRITOR NA RECONSTRUÇÃO DO MUNDO", que, em 1947, apareceu publicada pelas edições Clã, em preparação ao segundo congresso brasileiro de escritores, a se realizar na Capital de Minas. Nessa "plaquette", sem desconhecer os graves problemas em que se debate o mundo contemporaneo, desmembrado pelas guerras sucessivas a que tem sido arrastado no primeiro quartel deste século pelo desmedido egoismo humano, o autor se mostra otimista e proclama, em alto e bom som, sua coragem ao enfrentar o futuro e sua fé na mocidade hodierna. "Eis que a geração dos nossos dias, (diz ele), preservada das consequências tremendas do conformismo, seguindo entusiásticamente o seu

roteiro, certo ou errado, levanta sempre os clamores dolorosos contra a incompreensão e a apatia das massas ante o exemplo caro das gerações passadas que aniquilaram pelo pirronismo os únicos valores espirituais que nos podem salvar da servidão á materia, todas as forças de afirmação, de coragem e de sacrifício que constituem as condições preliminares de toda vida bem vivida"...

Reconhece deste modo, o jovem escritor, para o mundo futuro, justiça, liberdade, ordem, caridade e verdade, os cinco caminhos que tem o homem de percorrer na sua peregrinação pela terra e que devem nortear, como ele próprio o afirma, os nosos estudos relativamente aos grandes problemas peculiares aos nossos tempos.

Não sei qual dos cinco o mais importante, porque todos eles são princípios básicos da humanidade, interferem todos, e cada um, na vida, sob qualquer aspecto por que ela se apresente, de modo que, combater a um, implica no combate a todos, porque "a Verdade dá á Justiça, á Liberdade, á Ordem e á Caridade a característica legítima de sua natureza e a possibilidade de serem aplicadas, sem desvirtuamentos catastróficos, aos actos humanos, na sua manifestação pessoal ou social".

Se eu compusesse a mesa á qual submetestes esta tese, não vacilaria em atribuir-vos distinção e louvor, mas antes teria de fazer-vos esta observação: entre a verdade, a justiça, a ordem, a liberdade e a caridade, que pleiteais para o mundo futuro, convém não esquecer, se colocam de permeio, e as espreitam constantemente, a inveja, a calúnia, os rancores dos homens, a mentira, a cujo império tudo se aniquila e esboroa...

* * *

Na historiografia exerceu também notável influência, no seu espírito, o polígrafo cearense João Nogueira, o querido velhinho que era quase uma relíquia da cidade, caracter integro, inteligência brilhante, que deixou em artigos espalhados pela imprensa as mais carinhosas páginas de recordação, porque são verdadeiras lições ministradas por quem sabia, como ninguém, o nosso passado.

Nasceu, talvez, dessa admiração pelos artigos do eminente engenheiro, escanfandrista dos nossos costumes mais recuados, das tradições que se perdem na noite dos tempos, das festas populares já hoje tão deturpadas na imaginação do povo, o amor de Mozart Soriano ao Ceará, á Fortaleza, que não sendo sua cidade natal tem, entretanto, para ele os mais sugestivos encantos.

Tal como sucedia a Paula Ney, tudo aqui o atrai. É que decorreu nestas ruas ensolaradas a sua meninice. Percorreu-as ainda quando a vida é uma estrada florida, com outros da sua idade, nos passeios e divertimentos, e guardou-lhe bem a fisionomia que se foi modificando lentamente, através do tempo.

No velho Liceu dos tempos de estudante passara a mais encantadora fase que temos na vida. Ainda nessa época, era o tradicional educandário na Praça dos Voluntários, ponto obrigatório das nossas travessuras e brincadeiras.

Como isso vai longe! E nós sentimos a dura verdade: passamos celeremente pelo tempo. Mas o tempo é eterno!

Era um quadrilátero a praça, tendo ao centro um cacimbão. Ensombrada de velhas mongubeiras, de onde pendiam cachos de flores branco-escarlates, de par com frutos de carapaça bruna, que, de quando em vez, se desprendiam das alturas e, ao cair, enterravam-se na areia frouxa ou despedaçavam-se, atirando amêndoas para todos os lados. Era a passagem obrigatória de cargueiros que vinham de Messejana por ali, temendo, já, as diabruras dos estudantes que muitas vezes se acercavam das cargas, fazendo aos donos mil e uma perguntas ociosas, para desviar-lhes a atenção e dar lugar a outros tirar, sem ser pressentidos, uma tapioca, envolta em grossas folhas de coaçu.

Avalio neste instante de saudosas recordações, em que olhamos retrospectivamente esse passado já tão longinquo e nos revemos na pessoa de nossos filhos, como punge o recordar!

Hoje a Praça dos Voluntarios não é mais a daqueles tempos. Novos traçados urbanísticos modificaram-na. Mas nenhum de nós, que frequentamos o antigo educandario, passará por ali sem se demorar um instante na contemplação das linhas arquitetónicas do soberbo Palácio da Polícia, revendo nele o velho Liceu!...

Fortaleza é uma cidade sem muitos monumentos, em que estão se extinguindo os raros existentes. Tudo aqui se modifica ou procura-se modificar sem nenhum respeito ao tempo.

Ninguém já se lembra hoje de um venerando oitizeiro que pompeava ao sol e ficava ao fundo da igreja do Rosário, quase defronte á porta principal do "Banco Fortaleza", testemunha de muitos acontecimentos políticos do Ceará de outras eras.

Quando se pretendeu há poucos anos construir uma moderna Catedral, como estavam a exigir os foros de nossa cidade culta e civilizada, vimos uma legião de operários derribando as vetustas paredes da Sé, em flagrante desrespeito ao sentimento do passado.

Por que não se conservou esse antigo monumento da cidade, testemunha de grandes acontecimentos da nossa vida social, e não construimos um outro, de acordo com a evolução dos tempos, proporcional ao grande desenvolvimento dos nossos dias?

As picaretas da edilidade, em sucessivos períodos, também sem respeito nenhum ao culto da tradição histórica, vai modificando o traçado da cidade, de acordo com novas plantas e novos planos urbanísticos.

João Nogueira escreveu com uma linguagem encantadoramente simples páginas sem conto sobre esses assuntos, paginas de cuja essência se

impregnou o espírito do Dr. Mozart Soriano, que, apesar de moço, vai também explorando esse mesmo inesgotável filão.

Muitos trabalhos tem, já, publicado e escrito sobre o Ceará, seus costumes, seu passado, suas tradições. E em todos esses trabalhos adopta sempre os métodos seguidos pelo mestre. Salienta-se entre estes "COLONIZAÇÃO DAS TERRAS DEVOLUTAS DO CEARÁ", estudo completo e bem feito sobre assunto que estava a exigir a atenção de um historiador e sociologo, trabalho bem fundamentado, para cuja feitura baseou-se em fontes insuspeitas.

* * *

É deste feitio o novo sócio que o Instituto do Ceará vem de admitir em seu quadro, elegendo-o para uma cadeira recentemente criada.

De sua capacidade de trabalho deu, já, sobejas provas e de sua inteligência tantos e tão magnificos florões atestam-na vigorosa e criadora.

Quem tanto já fez pela sua, pela nossa terra, tem direito a um lugar nesta casa, onde a memória do passado, que se foi, não se perde, mas vive e esplende no presente. E mais, muito mais, pretende o Instituto que façais, justamente agora, quando, (creio, o único no Brasil), anda preocupado com escrever uma História do Ceará, monumento que será erigido á gloria da nossa terra querida, da qual já alguns capítulos estão publicados pelos nossos consócios Pompeu Sobrinho, Dolor Barreira, Raimundo Girão e o saudoso Eusébio de Sousa.

A tarefa dos demais já está designada e a vossa não demorará decerto, ansioso que andava o Instituto por contar-vos um dos seus.
Sede, pois, benvindo, Dr. Mozart Soriano, que esta casa é vossa.

Do DR. MOZART SORIANO ADERALDO

Sr. Presidente.
Srs. Membros do Instituto do Ceará:

Assim por volta de 1887 a acanhada capital do Ceará apresentava, com diferenças mínimas, as mesmas características da cidade colonial de 20 anos antes, tão bem descrita por esse terno namorado de nossa terra — o Dr. João Nogueira, intelectual de primeira plana que honrou com o seu nome o Instituto do Ceará.

Seus limites não iam alem das ruas da Praia e da Misericordia, da rua de Baixo, da rua Dom Pedro e da rua Amelia. Fóra desse polígono, de pequenas proporções, só havia digno de nota o Palácio do Bispo, o Colégio das Irmãs e o Seminário. Tudo o mais eram areias, onde se levantavam apenas casebres de taipa e raras casas de tijolo desordenadamente construidas.

A população urbana concentrava-se entre o riacho Pajeú — o Marajaig de outrora —, a cuja margem se edificaram as casas da Rua Conde D'Eu, já qualificada a "rua mater de Fortaleza"; o Passeio Público, ou melhor, o Largo do Paiol, como se chamava então; a Rua Senador Pompeu e a Pedro I, que o arrivismo republicano tentou em vão crismar de São Pedro, Tiradentes e N. 3, como já fôra, em tempos idos, a singela e pitoresca Travessa da Alegria.

Sítios, mais ou menos cultivados, conforme a situação econômica do respectivo proprietário, alguns facilmente havidos por herança e por isso desestimados, eram as futuras bem traçadas artérias de vários bairros que circundam o atual centro comercial. E' claro que não me refiro aos novos arraiais que vêm surgindo de vinte anos para cá. Quero falar do Outeiro, de Otávio Bomfim, de Jacarecanga, do Tauape, do Alagadiço, do Calçamento de Messejana e quantos outros mais, naqueles tempos tomados de cajueiros esgalhados, de coqueiros esbeltos e de copadas mangueiras.

Fortaleza, nestes idos saudosos e decantados por não poucos historiadores, já havia evoluido do azeite de peixe para o gás carbônico, que começou a iluminar as nossas ruas precisamente aos dezessete de setembro de 1886. E, muito embora se afirme, talvez sem razão, que nossas artérias eram, outrora, mais bem iluminadas do que hoje, que possuimos a "provisória" instalação elétrica, convém não esquecer o "contrato com a lua", herança que merecemos da primeira desta série quiçá infindavel de grandes-guerras, resultado da carência de carvão de pedra, que nos obrigava a pausas certas e previstas no nosso sistema de iluminação, por três e até mais dias, cada mês, durante o plenilúnio. Verdade é que tal desvantagem, alhures desastrada, foi, pelos provincianos habitantes de nossa cidade, romanticamente aproveitada. Sem ela não teriamos, é quasi certo, as serestas que fizeram época e plasmaram mentalidade. E formaram famílias, que outras oportunidades não existiam para rapazes e donzelas, mormente os da classe média, se conhecerem, senão as rodas de calçada, as reuniões familiares, as saudosas serenatas e as festas religiosas, estas mais espaçadas e públicas, sem as intimidades favoráveis ás aproximações.

Na Lagôa do Garrote, que abrangia todo o espaço do aprazivel logradouro que atualmente serve á educação pre-primária de nossa infancia, matavam-se a sêde e a fome do gado vindo dos lados de Messejana. Exatamente um ano antes, no Alto da Pimenta, onde hoje se elevam, objetiva e subjetivamente falando, as paredes do convento dos frades capuchinhos, foi dado como concluido o formoso templo dedicado ao Coração de Jesus, mandado levantar pelos Barões de Aratanha. Antes, o que havia por lá não passava de modesto nicho, construido pelo tenente-coronel Ferreira. E todos sabemos dos recursos e do gosto artístico de nossos avoengos...

A Praça da Sé, onde hoje se erguem as vergas de concreto da futura Catedral Metropolitana, apresentava aspecto bem diferente. Muito embora o atual Palacio Arquiepiscopal, com algumas alterações posteriores, já existisse como tal desde 1860, e aquele sobradinho da face suleste da Praça provavelmente lá já se encontrasse, não mais podemos contemplar as velhas e características casas de taipa e beira-e-bica. Destas, apenas algumas restam, atualmente, no lado oeste da vetusta praça, uma das quais — dizem — hospedou o Marechal Hermes da Fonseca, quando simples oficial subalterno do nosso Exército. O que lá se passava, pelas Ave-Marias, ao envez do fonfonar dos ônibus e do vai-e-vem dos transeuntes ansiosos por alcançar o repouso após um dia de afanoso trabalho, nesta já quasi inabitavel cidade modernizada, era a inocente e saudosa devoção ao Cruzeiro, deante do qual, principalmente ás segundas-feiras, o povo e não raro pessôas gradas da cidade resavam o terço, piedosa e singelamente. Isto em público, sem respeito humano, pois o velho Cruzeiro, ha pouco mais de dez anos abatido por exigencia do progresso, erguia-se em plena praça, deante da antiga Sé.

Mais acima, para as bandas do Passeio Público, precisamente no local onde atualmente se ajuntam, para gáudio dos rapazelhos inconsequentes e perigo da vida dos pedestres, os modernos e assassinos "jeeps", alinhavam-se, ao cair da noite, os taboleiros, com lanternas acêsas, nos quais se vendiam dôces, gengibirra, rolêtes de cana e outras guloseimas, emprestando um aspecto gracioso ao antigo Largo do Paiol, já de si tão soturno e entristecido pelos queixumes doloridos dos pobres enfermos da Casa da Misericordia, em frente.

Fortaleza de inflexiveis tradições, aquela cidadezinha de 1887, guardando, inconcientemente talvez, o antigo espírito medieval, que influiu nossos maiores, cuja característica principal parecia ser a constante na profissão, que passava de pai a filho, sucessivamente. Ali mesmo, na Rua da Palma, onde faleceu assassinado o Major Facundo e que por isso tomou posteriormente o seu nome, existia a Farmácia Teodorico, o estabelecimento comercial mais antigo da cidade, fundado que foi no reinado de Dom João, ainda hoje em atividade e nas mãos de um membro da família Benevides, depois de ter pertencido a quatro gerações sucessivas dos Costas: o velho Eloi, o velho Antonio Teodorico, o velho José Eloi e o — não sei se diga assim — velho Alberto Eloi. Ainda lá se acham as primitivas prateleiras, e não há muito se avistavam os antigos frascos de agua colorida de amarelo, de vermelho e de azul e um banco singelo em que a freguesia esperava o aviamento das receitas...

Fortaleza das assombrações, das pedradas nos telhados das casas, das histórias de mulas-sem-cabeça. Fortaleza ingênua mas viril, como convem áquela que possui tão expressiva alcunha. Povo impar, descendente daqueles Capitães do Mato, "bons, burros e bravos", na classificação de João Brigido. Sobretudo honesto, como o velho Macaíba, de quem nos

fala Gustavo Barroso em suas bem acabadas memórias. Tendo recebido de um seu amigo do interior a incumbência de comprar e guardar um bilhete de loteria, comprou-o e guardou-o juntamente com outro seu, em envelopes separados. Mas não os mostrou a ninguem. Corrida a loteria e premiado com 500 contos o bilhete que destinara ao amigo, o velho Macaiba não se sentiu tentado pela avultada quantia, pois mais do que dinheiro valia sua probidade e mais do que a lei prevalecia a sua formação cristã. Abrir mão de 500 contos, quem era pobre e não tinha, alem da propria consciencia, um acusador a embaraçar-lhe os passos, é exemplo que não encontra facilmente ressonancia nos dias que correm... Bom e bravo povo de outrora, que enfrentava os potentados e defendia os fracos, como ocorreu com o velho cajueiro então existente no cruzamento das ruas Pedro Borges, Major Facundo e Liberato Barroso, chamadas do Cajueiro, do Fogo e das Trincheiras em razão do episódio que, nos tempos do Brasil-Colônia, sob o reinado de D. Maria I, foi teatro o Ceará, governado na época pelo oficial da marinha portuguesa Luiz da Mota Féo e Torres, homem impulsivo e orgulhoso. Resumamos a história que a Gustavo Barroso contou seu bondoso professor Lino da Encarnação: — Nesse tempo Fortaleza era uma pequena aldêia, muito embora ostentasse os fóros de capital do Ceará. Onde hoje se acha a Praça do Ferreira, existia uma série de casas conhecida por Beco do Cotovêlo, de cuja extremidade partiam três incipientes ruelas. A que saía para o lado di Garrote possuia, em certo ponto, um grande cajueiro, á sombra do qual ficava o açougue do Fagundes, que morava numa casinha em frente. Certa feita, ao passar o Governador por ali, cavalgando o seu ginête, um galho baixo da arvore arrebentou-lhe o chapeu lançando-o ao chão. Como o açougueiro descançava ali perto, o Governador ordenou-lhe:

— "Apanhe este chapeu!"

O Fagundes nem se alterou. Não gostava de ser mandado, acostumado que era nessa vida livre que sempre levaram os primitivos colonizadores. O Governador insistiu, sendo ainda desobedecido Então gritou, colérico:

— "Não me apanhas o chapeu, vilão duma figa, pois eu, que ia somente mandar cortar o galho baixo do cajueiro, agora vou pô-lo no chão e adeus açougue!"

Do Palácio, outrora aquela casa antiga e baixa guardada por uma muralha com pesados portões, na Rua Conde D'Eu, onde hoje existe o Mercado Central, partiu a ordem de deitar abaixo o cajueiro. O açougueiro, auxiliado por seus magarefes, não deixou que os operários executassem a ordem. Retornaram os operarios, desta vez acompanhados de soldados. Mas o Fagundes lançara pela provincianissima cidade o grito de revolta. Vieram em seu auxílio outros açougueiros, flandeiros,

merceeiros, ferreiros, quem quer que tivesse uma profissão definida, até os pescadores da Prainha, armados todos de pistola e bacamarte. A tropa carregou. Levantaram então trincheiras na encruzilhada das três ruas e abriram fôgo contra os soldados, que recuaram finalmente. Daí o nome das três artérias perpetuando o episódio: Rua do Cajueiro, Rua das Trincheiras e Rua do Fôgo. A irascivel autoridade acabou desistindo de pôr abaixo o útil cajueiro. Venceu a coragem de um povo que tinha dignidade e brio. Conheci e frequentei, ocupada pela família Guimarães, a velha residencia dos Governadores, de onde partiu a ordem não cumprida. Tradicional e histórico prédio de nossa Capital, jamais devera ter sido derrubado pelo poder público, cuja obrigação seria precisamente a de conservar-lhe o aspecto primitivo. Esse não foi, porém, o primeiro desses crimes e estaria destinado a não ser, infelizmente, o último. Anos depois, por volta de 1929, aluno do 1° ano do Liceu, nessa época funcionando no belo prédio, depois demolido, da Praça dos Voluntários, assisti, com a irresponsabilidade dos meus 12 anos, a derrubada do antiquíssimo oitizeiro da rua que recebia seu nome, hoje crismada de Coronel Bizerril. Saudosamente agora te evóco, ó velha árvore, que não contaste, para tua defesa, com a virilidade de uma população que parece ter perdido a consciência do seu antigo valor e, indiferente ás coisas que realmente pesam na vida, consente que exterminem as suas mais significativas tradições e se substituam os pitorescos nomes das ruas de sua cidade por bajulatórias invocações a individualidades passageiras, cuja memória desaparecerá com o escoamento dos anos...

Andando um pouco mais para o oeste, achavam-se os terrenos baldios da Praça da Estação, onde se armavam os circos que eram a delicia da meninada, e, com flexão para o sul, a Praça José Alencar, na qual existia o pequeno nicho que deu lugar á futura Matriz do Patrocínio e em cujo centro haveriam de erguer-se as paredes do inacabo teatro, finalmente destruido pela chuva e pelo descaso dos poderes públicos. Conheci-a ainda referta de castanholeiras e mongubeiras, criminosamente derrubadas para, em seu lugar, plantarem-se os monotonos e inconvenientes "ficus-benjamin". Ainda alí não se erguiam, em 1887, a Escola Normal, depois Grupo Escolar José de Alencar e hoje Faculdade de Medicina, nem o Quartel de Segurança, destruido após a Revolução de 1930 para, no mesmo terreno, ser edificado o predio da Saúde Pública, os quais foram inaugurados, o Quartel, em 1892, e a Escola três anos mais tarde.

Prosseguindo em nossa peregrinação pela Fortaleza daqueles recuados anos, vamos encontrar, mais para o sul, a Praça São Sebastião, em cujo centro erguia-se a Capelinha da mesma invocação, custodiada com carinho pelo Padre Pedro, cuja morte ocasionou o desaparecimento do singelo templo, do qual hoje não restam quaisquer sinais, nem mesmo o cruzeiro do patamar. Vasto areal que era esta praça, hoje entulhada de frutas

podres, porcos e casebres imundos, só se compreende o ajuntamento de residencias ao seu derredor pela proximidade do açude do Padre Pedro, construido ali perto, logo após a nascente do riacho Jacarecanga. Hoje urbanizado entre quatro ruas e sem a mesma poesia, como te relembro, saudoso e contristado, velho reservatório em que, despreocupado e feliz, brinquei á tua margem e penetrei em tuas aguas...

A minha decepção maior haveria, porém, de se reservar para o destino infeliz que te deram, ó centenárias mongubeiras da Praça de Pelotas, monstruosamente destruidas, a despeito da ordem e simetria com que te plantaram os primeiros viajores que iam e vinham de Arronches Outrora, sem palacetes, sem casas modernas e sem o belo edifício da Faculdade de Direito, atraz do qual se levantam as duas caixas-dágua que servem a toda a população urbana, tinhas em compensação o encanto das coisas silvestres e a utilidade dos parques infantís, sem brinquedos adredemente preparados mas espontaneos e por isso mesmo mais satisfatórios.

Um pouco para léste havia o Largo do Livramento, com o nicho da pequena imagem da Virgem ainda agora exposta á veneração dos fieis na matriz do Carmo. E passando pelo alto da Pimenta e pelo Garrote, já referidos, existia adiante o Pajeú, ao longo do qual foi construido o primeiro açude do Ceará, por iniciativa do Senador Alencar nos idos de 1845 e melhorado na sêca de 1877 pelo Barão de Sobral.

Nesse polígono rapidamente bosquejado desenvolvia-se pacatamente a vida de alguns milhares de cearenses, com seus costumes infelizmente desaparecidos, como os Fandangos, auto popular que relembra a conquista da Africa, as Pastorinhas, com sua ingênua representação do Natal de Jesus, as procissões, principalmente a dos Passos e a do Enterro, esta na Semana Santa e aquela na penúltima semana da Quaresma. Os dois prestitos saiam da Sé, o primeiro á tarde e o segundo á noite. O dos Passos, com a impressionante imagem de Jesus sustentando a Cruz ás costas, percorria a Rua Castro e Silva até a Barão do Rio Branco, alcançando a Praça do Ferreira pela Rua Guilherme Rocha e depois a Praça General Tiburcio, onde encontrava outra procissão menor, que transportava o andor com a macerada imagem de Nossa Senhora das Dores. Por ocasião do encontro, falava um afamado orador sacro, cujo sermão servia de assunto para varios dias. Na Sexta-Feira da Paixão, saia a Procissão do Enterro, partindo da Sé pela Rua Castro e Silva até a Barão do Rio Branco, dobrando aí em direção ao mar, para alcançar a capela da Santa Casa de Misericórdia. Círios iluminando as artérias escuras. O esquife do Senhor. O Bispo. O Presidente da Província. A música tocando um dobrado pungente. O povo em massa, como hoje, mas com profundo sentimento de piedade cristã.

Impressionavam vivamente esses cortejos noturnos, como impressionantes eram, tambem, os enterros daquela época. Todos solenes, a pé. Como observa um historiador dos nossos antigos costumes, "os vivos

parecem que não tinham pressa em se verem livres dos mortos"... Á frente, a cruz alçada e o Padre paramentado. O caixão carregado á mão pelos amigos e parentes ou por quatro "gatos pintados" — origem da expressão popular — de andar lento, sobre-casacas negras e cartolas de oleado. Sómente homens acompanhando, todos de preto, silenciosos. Se o defunto era importante, socialmente falando, o cortêjo terminava por uma banda de música tocando funeral.

Para neutralizar tanta seriedade, os Judas, nos chamados Sabados de Aleluia. Hahia-os famosos, como o do Teodureto, bodegueiro estabelecido no começo do Calçamento de Messejana, hercúleo e inteligente, que soubera, de feita, defender seu Judas da investida dos cadetes da Escola Militar, desbaratando-os e pondo em fuga vários deles que pretendiam furtá-lo. Para historiar o fato, dizia o Teodureto, na sua filáucia costumeira, que uma só coisa, a despeito de sua excelentíssima memória, não sabia contar — costela quebrada de cadete.

Todos, porem, queimavam os seus Judas, grandes e pequenos, aprimorados ou grosseiramente vestidos, cheios de taquarís ou de palha seca adquirida nas carpintarias da cidade. E, após, liam-se os "testamentos". Eram os do Outeiro, os de Arronches, os de outros arrabaldes da cidade, criticando a todos, principalmente os avarentos da pacata e encantadora Capital de antanho.

Completando a alegria esboçada na véspera da Ressurreição as festas de Junho — S. Pedro, Santo Antônio e S. João — concorriam para a diversão de um povo que não dispunha ainda do cinema deseducador e desnacionalizador e dos edênicos clubes esportivos. Fogueiras de cavacos e paus velhos enfiados numa barrica, em pleno centro das ruas. Parentêscos hipotéticos — compadres, primos, afilhados. Fogos. Alegria. Fortaleza !

Fortaleza de 1887, da Festa do Senhor do Bonfim de Arronches, com a chegada dos "caboclos", descendentes dos indios Algodões, os quais partiam no último domingo de Outubro, recebendo antes, na sua igreja, a corôa de espinhos da grande imagem do Crucificado, para retornarem na tarde de 23 de Dezembro, dois mêses depois, com as esmolas conseguidas em distantes lugares, até mesmo em Caucaia, afim de condignamente celebrarem o tradicional festejo. Fortaleza das novenas de Nossa Senhora da Saúde em Mocuripe, a bôa e terna Padroeira dos Pescadores, com sua capelinha enfeitada de flores, palmas e luzes, os rapazes da pequenina vila vestindo camisa de flanela de côr e calça branca engomada, com larga faixa vistosa á cintura, e as donzelas com vestidos novinhos de chita e voltas e braceletes de aljofares. Fortaleza do Carnaval sem malícia, com papangús, dominós e mascarados, os Maracatús do Outeiro ou do Morro do Moinho, as laranjinhas de cheiro, a tina dagua que o

boticário Ferreira, estabelecido ali naquele predio em que funcionou até bem pouco tempo a Farmacia Galeno, hoje ocupado pelas "Lojas Brasileiras", fazia colocar no centro da Praça que tomou seu nome milagrosamente até agora conservado, para nela mergulhar quem quer que por ali passasse e depois oferecer lauto banquete á vítima de sua brincadeira... Fortaleza das calçadas desiguais, que eu, criança ainda, conheci lá para as bandas do Mororó, que por lá não tinham chegado os fios de pedra iniciados pelo intendente Albano, se não me falha a memoria. Fortaleza dos apelidos espirituosos, mal recebidos a principio, para findarem: adjudicados ao prenome dos crismados — as Pedrocas, filhas de um tal Pedroca, Pedro de tal; as Itapipocas, por terem vindo daquela localidade; as Mundórias, em vista de seu pai, professor de latim, ter sido alcunhado de Mundório por viver declinando *mundus, mundorum;* as Garapas, tias de Gustavo Barroso, porque muita gente recordava ainda o pseudônimo com que o avô do ilustre escritor assinava os seus artigos políticos — Zé Garapa; as Mississipis, em razão do pai ter possuido uma bodega denominada "Ao Mississipi", aproveitando inteligentemente o intercambio forçado do sul dos Estados Unidos com o Nordeste Brasileiro durante a Guerra da Secessão; as Palhabotes, em vista do chefe da família ter montado estabelecimento comercial com o nome de "O Palhabote"... Fortaleza dos tipos de rua — do Antônio Galo Chinês, espumando de raiva quando os moleques cantavam de galo próximo a ele; do Sabão Mole, merecendo o apelido pela amarelidão do rosto, e que só faltava matar quando lhe perguntavam pela velinha que antes o acompanhava e depois o abandonara; do Casaca de Urubú, continuo do outrora Tribunal da Relação, herdeiro forçado dos fraques dos desembargadores, sendo assim alvo da brincadeira da meninada... E outros mais, todos êmulos da Mimosa, do Lapada, da Sirí, do Jararaca, vítimas dos aperreios decorrentes de nossa despreocupada e irresponsavel infancia. Fortaleza das "donas" e "doninhas" que serviam agua de chuva em copos de barro ou salvas de prata, cujas famílias ostentavam louça com iniciais e frisos dourados e possuiam oratórios que eram verdadeiros museus artísticos, com santos de madeira, resplandores de ouro, Nossa Senhora da Soledade e o infalivel Menino Jesus. Fortaleza dos incêndios dominados a balde de agua, das dunas errantes e livres como o espírito de sua população, dos passeios calçados com lages vindas de Portugal, dos chafarizes públicos, como o da rua hoje chamada José Avelino, o da Feira Velha, o da Feira Nova, o da Praça dos Voluntários, o do Outeiro, o da Praça do Patrocinio, o da Misericórdia e o da Praça de Pelotas... Fortaleza dos frades de pedra, vindos do Reino, feitos da chamada pedra de Lisbôa, que adornavam varios pontos da cidade, inclusive a Praça do Ferreira. Fortaleza das cacimbas públicas, hoje desaparecidas, cavadas ali mesmo nas Praças do Ferreira, Capistrano de Abreu e Voluntários. For-

taleza das janelas guarnecidas com grades de madeira, de fitas estreitas e malhas quadradas, como aquelas da igrejinha do Rosário e da Matriz do Carmo, felizmente ainda conservadas. Fortaleza dos velhos sobrados de fachada de azulejos, desaparecidos ou destinados a fins impróprios. Fortaleza dos boêmios, daqueles e dos presentes tempos, em que um deles, disfarçado em escritor modernista, não se envergonhou de cantar — "O' cem por cento Cidade-Muher, não é sem razão que os poetas te cantam hoje como te cantavam no passado, em versos de oferenda e do mais puro amor, e os fieis seresteiros, mais ou menos aposentados, ainda teimam — apesar de todas as concorrências... — em vagabundeiar pelas tuas ruas nítidas e vasias, largando a voz no mundo aos acordes de um violão que sobrou ,a lua lá em cima com o seu brilho adamantino, sim, "a lua mais bonita que Deus fez", econômica lua com quem uma vez os teus administradores fizeram um incrível contrato, mas tão simples e peremptório, e que só deu certo por que os teus filhos são mesmo lunáticos ou pelo menos eram, áquele tempo, tempo bom em que vagar de madrugada não era proíbido e a gente podia fazer o barulho que quisesse, rondando a casa de felizes namoradas, que assim despertavam para o amor aos primeiros remansos do sonho".

Pois foi nessa cidade de 1887, encantadora mas socialmente bem provinciana, sem movimentos literários de tradição e de recuada memória e sem outros meios positivos de incentivo á cultura, a não ser incipientes sociedades de letras, com uma imprensa que mais concorria para dividir as famílias do que para o esclarecimento dos fatos e o estímulo dos novos, foi nessa cidadezinha assim que uma pleiade de sonhadores traçou os planos da sociedade que visava a tornar conhecidas a História e a Geografia da então Província do Ceará, trabalhando de tal modo para o progresso de suas letras e ciências. Obra gigantesca! Paulino Nogueira, Guilherme Studart, Antonio Augusto, Joaquim Catunda, Julio César, Padre Frota e Antônio Bezerra — eis os sete idealizadores, aos quais se juntaram cinco — Virgilio de Morais, Virgilio Brigido, José Sombra, Juvenal Galeno e Perdigão de Oliveira — naquela memorável sessão de 4 de março de 1887, em que, nos salões da Biblioteca Pública, se proclamou fundado o Instituto do Ceará. Foram estes doze verdadeiros apóstolos do progresso literário e científico do Ceará que possibilitaram a obra sem nenhum favor monumental da chamada Casa do Barão de Studart, com mais de 63 anos de profícua existência, vencendo os maiores e mais injustificáveis obstáculos mas publicando invariavelmente a sua Revista, verdadeiro relicário do material preciso para a composição da História do Ceará, já alvissareiramente iniciada com a publicação da "Proto-História", da autoria do atual Presidente do sodalício, Dr. Pompeu Sobrinho, em quem todo o Estado reconhece a sua mais expressiva cultura; da "História Econômica", escrita por este pertinaz e denodado rebuscador de nossos fastos, o Dr. Raimundo Girão; do pri-

meiro volume da "História da Literatura Cearense", magistralmente reconstituida pelo espírito de pesquizador do Dr. Dolor Barreira; e da "História Militar", cuja recente divulgação se deve ao saudoso consócio Dr. Eusébio de Sousa. E outros volumes virão, para gáudio e interesse nosso, inclusive a parcela a ser por vós escrita, Dr. José Waldo Ribeiro Ramos, a quem o Instituto confiou a tarefa de dar-me as bôas vindas nesta festa para mim gratíssima.

Que não a mereço é óbvio e evidente. Mas não quis nem me era lícito despresar tão expressiva homenagem, que mais se dirige ao grupo "Clã", ao qual me honro de pertencer, do que propriamente a quem tão pouco fez para tão altos vôos. Recebo-a com simplicidade, com aquela simplicidade recomendada por Platão a Alcebiades, ao transpor êste o Jardim de Academus. Tenho consciência da minha verdadeira missão nesta casa, senhores do Instituto. Venho aquí mais ressaltar o vosso brilho e vossa cultura, em contraste com a minha pequenez e os meus limitados conhecimentos, do que partir convosco o pão da sabedoria. Eis porque posso de mim mesmo dizer, desta vez com propriedade e acerto, o que Sainte-Beuve costumava ironicamente afirmar de Lamartine — "C'est un ignorant que ne sait que son ame". Sei que o vinho é bom, tenho para mim que a sombra é amavel. Perdoai, destarte, que não tenha recusado o vosso convite.